

Santo André, 18 de Outubro de 1995

Companheira Iara:

Estou lhe enviando as certidões de nascimento como 1º colateral de Luiza Augusta Garlippe.

Quanto às circunstâncias do desaparecimento, estas informações estão contidas no Relatório Arroyo e na declaração de Elza Moneratt que confronta os apelidos com os nomes.

Conversei com Luís Eduardo Greenhalg, que é advogado da família e este relatório está contido no processo de minha irmã. Ele me garantiu que por ocasião da aprovação do Projeto e formada a comissão, ele apresentará estas provas.

Iara, acho que depois que foi aprovado o Projeto no Congresso, eles estão amarrando no Senado. Seria bom darmos uma cutucada através da imprensa para que andasse mais rápido.

Sem mais, abraços,



SAULO ROBERTO GARLIPPE

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL



CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

1º SUBDISTRITO - COMARCA DE ARARAQUARA - ESTADO DE SÃO PAULO

Cláudio Berti
Oficial Maior

Bel. Sival de Oliveira Salvador
Escrivão

Alexandre José Francisco
Escrevente

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

CERTIFICO que, às folhas 095-V, do livro A nº 112 de Registro de Nascimento, sob nº de ordem 18.312, foi lavrado o assento de **LUIZA AUGUSTA GARLIPPE**, do sexo feminino, nascida no dia **dezesseis de outubro de mil novecentos e quarenta e um (16/10/1941)**, à zero hora e oito minutos, em domicílio, na rua Gonçalves Dias, nº1.279, nesta cidade de, Araraquara, Estado de São Paulo, filha de **ARMANDO GARLIPPE**, natural de Campinas, Estado de São Paulo e de **DURVALINA SANTOMO GARLIPPE**, natural de Araraquara, Estado de São Paulo, sendo avós paternos **GERMANO GARLIPPE** e **AUGUSTA SCHEIDER GARLIPPE** e avós maternos **JOSÉ SANTOMO** e **LUIZA BIAZZETA**.
Foram declarantes : o pai.

Registro lavrado no dia 16 de outubro de 1941.

Observações: Nada consta.

O referido é verdade e dou fé.
Araraquara, 04 de setembro de 1995.

Bel. Sival de Oliveira Salvador
Escrivão

Reconheço a firma supra de Bel. Sival de Oliveira Salvador e dou fé.

Araraquara, 04 de setembro de 1995.

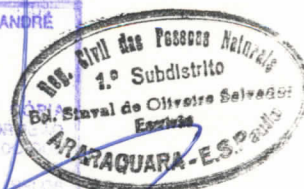
Em testemunho da verdade.

Cláudio Berti
Esc. Subst. Designado

Emolumentos	Estado	Cart.Serv.	Apamagis	Total
4,65	0,12	0,93	0,00	5,70

Selos recolhidos pela guia nº 00212/95.

Digitado por : SILVANA



Ilmo. Sr.

MIGUEL REALE JUNIOR

Presidente da Comissão Especial

Esplanada dos Ministérios - Ministério da Justiça

Anexo II sala 621-B - Brasília-DF

SAULO ROBERTO GARLIPPE, brasileiro, solteiro ou casado, portador da carteira de identidade nº....., CPF nº....., residente e domiciliado à, na qualidade de irmão da desaparecida política LUIZA AUGUSTA GARLIPPE, devidamente qualificada no anexo I da Lei 9.140 de 4/12/95, vem requerer:

1 - a localização e entrega dos restos mortais conforme o previsto no inciso II Art. 4º e Art. 8º da Lei 9.140 de 4/12/95.

2 - a indenização conforme o previsto no inciso III do Art. 4º e os Artigos 10º e 11º da Lei 9.140 de 4/12/95.

Local e Data.....

SAULO ROBERTO GARLIPPE

REVISTA DA ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL

ANOS X/XI - VOLS. XII/XIII - SET./DEZ./1980 - JAN./ABR./1981

NESTA EDIÇÃO

REFLEXÕES SOBRE ESTÁGIO PROFISSIONAL

POLITICA SALARIAL

ALTERAÇÕES NO ESTATUTO DA OAB (LEI 4.215/63)

EMENDAS REGIMENTAIS

DEPOIMENTOS SOBRE AS "GUERRILHAS DO ARAGUAIA"

"VIOLÊNCIA URBANA" - CONFERÊNCIAS E DEPOIMENTOS DO PRESIDENTE EDUARDO SEABRA FAGUNDES NA CPI DO SENADO FEDERAL E NO "CICLO DE DEBATES" DO INSTITUTO DE ENGENHARIA

JURISPRUDÊNCIA - CONSELHO PLENO

1ª CÂMARA

2ª CÂMARA

3ª CÂMARA

T.F.R.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA-RJ

INPS - PROCURADORIA GERAL

N^{os} 27/28

TERMO DE DECLARAÇÕES

Aos vinte e um dias do mês de janeiro do ano de mil novecentos e oitenta e um, na sala de sessões do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, onde se achava reunida a Segunda Subcomissão da Comissão de Direitos Humanos, presidida pelo Conselheiro Ministro Victor Nunes Leal, aí compareceu o Doutor Paulo Cesar Fonteles de Lima, brasileiro, casado, advogado, inscrito sob o número P-75 na Seção do Estado do Pará, portador da carteira nº 2644, residente e domiciliado na travessa Angustura nº 287 D na cidade de Belém do Pará, para depor sobre fatos relacionados ao processo N-CDH-006/80. Às perguntas formuladas pelo Presidente da Subcomissão, respondeu: que recebeu em 24 de outubro de 1980 designação do Conselho Seccional do Estado do Pará para acompanhar a caravana de familiares de pessoas mortas ou desaparecidas na assim chamada Guerrilha do Araguaia; que deslocou-se da cidade de Conceição do Araguaia para a cidade de Marabá onde se encontrou com os membros da caravana; que a caravana era integrada por aproximadamente vinte membros, além de pessoas representativas de entidades interessadas em direitos humanos; que o declarante apresenta à subcomissão uma cópia do relatório apresentado por ele depoente à Seccional do Estado do Pará, do qual consta a relação exata dos participantes da caravana; que em Marabá foram recebidos pelo Bispo Diocesano o qual desejou sucesso em sua missão, porém ressaltou que duvidava da obtenção de qualquer resultado significativo, a uma por quanto o povo da região se encontrava aterrorizado, com receio de constantes prisões e interrogatórios no estabelecimento militar situado no quilômetro 8 da Transamazônica, e a outra por quanto às vésperas da chegada da caravana elementos integrantes da polícia haviam visitado moradores da região advertindo-os para que nada informassem; que já no dia seguinte a caravana foi procurada por um lavrador de nome Lauro Rodrigues dos Santos; que Lauro Rodrigues dos Santos estava mutilado, sem um braço esquerdo e relatava também a morte de um seu companheiro, tudo pela detonação acidental de uma granada que havia sido deixada perto de sua casa; que este lavrador havia conhecido várias das pessoas procuradas pela caravana tendo mesmo reconhecido algumas das fotografias exibidas pela caravana; que também o mesmo lavrador depôs a respeito da vida cotidiana das pessoas que haviam se mudado para a região por volta de 1968, 1969; que o declarante se recorda de uma das pessoas reconhecidas por fotografias foi Criméia Alice Schmidt de Almeida, que ele conhecera pelo nome de Alice, que também Maurício Grabóis e Dona Elza Monnerat foram reconhecidos por este mesmo lavrador; que o mesmo lavrador mencionou ainda a chegada de forças do exército à região, em ocasião na qual os desaparecidos já haviam ingressado na selva; que a caravana havia projetado para o dia seguinte uma visita às localidades de São Domingos das Latas e de Metade; que antes que empreendesse tal viagem, foram procurados por uma lavradora de nome Maria Veloso, esposa do digo, viúva de Antonio Veloso, conhecido por Sitonio; que Maria Veloso afirmou ter conhecido inúmeras das pessoas procuradas, mencionando os nomes que constam do relatório anexado pelo depoente, num rol que se inicia pelos

nomes Nelito, Cristina e Duda e termina por Fátima e Sônia; que Maria Veloso pode recordar com segurança que tais pessoas haviam chegado na região antes de 1970 porquanto dera luz um filho em 1971; que as declarações de Maria Veloso se encontram transcritas no mencionado relatório, e há nelas explícitas referências não só a prisões e moradores da região como também ao emprego de torturas, com descrição expressa da sevícia conhecida por pau de arara e da permanência, a pés descalços sobre latas; que Maria Veloso também mencionou a ocorrência de ameaças para que os moradores da região servissem de guias e rastreadores nas expedições contra os guerrilheiros, sendo que seu próprio marido havia sido ameaçado neste sentido; que pareceu ao depoente particularmente relevante o fato de que Maria Veloso afirmou que determinados combatentes foram presos com vida, referindo-se especialmente a Nilo, o qual estaria numa balsa a caminho de Marabá, e a Rosinha, a qual foi por ela vista no povoado de São José; que mais tarde, na localidade de Metade, também o lavrador José da Luz Filho mencionaria o fato de inúmeros guerrilheiros terem sido presos com vida, declinando seus nomes e inclusive particularizando as condições da prisão, tudo conforme consta do relatório anexado; que também o senhor José Cândido, motorista da Prelasia de Conceição do Araguaia recordou-se de que em fevereiro de 1974 o carro 'Picap' por ele dirigido foi requisitado por forças militares para buscar presa pessoa que foi designada como Dina, acrescentando que ele não chegou a vê-la presa por ter sido ele mesmo encarcerado na manhã da diligência, assegurando todavia, que outras pessoas puderam ver Dina presa; que a diligência da condução de Dina se deu na Serra das Andorinhas; que também José Ferreira Sobrinho conhecido como Zé Veinho, residente em São Geraldo, mencionou ter assistido à captura de Lia, ocorrida na casa de um lavrador chamado Macário tendo a mesma sido entregue à custódia de um elemento a serviço das forças armadas de nome José Olímpio; que diversos outros depoimentos, referidos no relatório anexado pelo depoente tornam certo o fato que inúmeras das pessoas hoje dadas como mortas ou desaparecidas foram capturadas com vida; que o declarante deseja fazer uma menção especial ao depoimento do senhor Amaro Lins, brasileiro, casado, lavrador o qual teve contato pessoal com duas daquelas pessoas, Áurea Valadão e Daniel Calado, por ocasião de sua própria prisão; que a circunstância em que Amaro Lins manteve contato quer com Áurea Valadão, quer com Daniel Callado, foram reduzidas a termo por ele mesmo numa escritura pública declaratória lavrada num ofício de notas da cidade de Belém do Pará; que o declarante exhibe à Subcomissão uma cópia xerox da referida escritura, pondo-a à disposição; que pelo presidente foi determinada a juntada da referida escritura; que os lavradores que prestaram depoimentos no sentido de terem sido diversas pessoas hoje dadas como mortas ou desaparecidas capturadas com vida ainda residem na região; que são todos eles pessoas facilmente identificadas, fixados há longos anos na localidade em que foram encontrados pela caravana; que todos os depoimentos colhidos pela caravana foram gravados, salvo quando ocasionalmente não dispusessem de um gravador; que vários lavradores mencionaram que mãos e cabeças de guerrilheiros haviam sido decepadas e remetidas para outros locais; que entretanto esta particularidade não foi objeto precípua da atividade investigatória da caravana, cujo interesse re-

caiu particularmente sobre evidências da prisão de pessoas dadas, digo evidência de prisão e de morte de pessoas dadas como desaparecidas; que no entanto o depoente pode esclarecer, fundando seu conhecimento já agora em sua qualidade de advogado que milita na região que um lavrador de nome José da Silva, que foi guia do Exército descreveu a decapitação póstuma de um líder guerrilheiro de nome Oswaldo Pereira da Costa conhecido por Oswaldão que segundo a descrição de José da Silva a decapitação de Oswaldo Pereira da Costa foi praticada por um sargento do Exército brasileiro; que os lavradores ignoravam qualquer informação a respeito do destino digo, da destinação de pessoas presas, além de Macabá e Xambioá que entretanto o referido Amaro Lins, no contato mantido com Daniel Callado digo em contatos mantidos com soldados que escoltavam Daniel Callado obteve a informação de que tal preso seria remetido para Brasília; que deseja o declarante se referir também a certos efeitos desorganizadores que a atividade das forças armadas exerceu sobre comunidades rurais sem qualquer relação direta com atividade guerrilheira; que muitos comentários foram ouvidos de prisões em massa, que atingiam cem a cento e cinquenta pessoas, digo que em certa ocasião culminaram prisões e detenção de aproximadamente de cento e cinquenta pessoas na localidade de São Domingos das Latas; a esta altura dos trabalhos retirou-se em virtude de compromisso profissional o professor Nilo Batista prosseguindo os trabalhos sob o encaminhamento do presidente da Subcomissão; interrogado o Doutor Paulo Fonteles de Lima sobre as prisões cometidas a que aludiu esclareceu ele que supunha serem motivadas pela convicção das autoridades de estarem aquelas comunidades comprometidas com a ação guerrilheira; assim, não somente através das prisões se procurava impedir essa colaboração, mas também através do controle dos alimentos proibindo-se a compra de quantidades superiores a um quilo de cada gênero de primeira necessidade e inutilizando-se vasilhames de maior capacidade, como as latas de vinte quilos, para frustrar o transporte de alimentos; que outro aspecto investigado pela caravana de que participou o depoente, foram as investigações para possível localização de túmulos de guerrilheiros dos quais se falavam naquela região do sul do Pará; que no cemitério da localidade Xambioá o coveiro indicou onde fora sepultado o guerrilheiro Bergson Gurjão Faria conhecido como Jorge e outras referências foram feitas, como a do filho de Lindaura Vilarense sobre outros túmulos, entretanto não localizados pela caravana; que outros habitantes da região mencionaram igualmente a existência de túmulos na localidade de Bacabá como também na localidade de Caianos, isto é, nas suas proximidades; que posteriormente outro habitante da região mencionou ter sido sepultado no mesmo túmulo da pessoa conhecida como Jorge e há pouco indicada um parente de dona Adélia Lopes; que o depoente não tem conhecimento pomenorizado de terem sido ou não descaracterizados os mencionados locais de sepultamento de guerrilheiros; que os trabalhos da caravana se desenvolveram no período de vinte e cinco de outubro a quatro de novembro de mil novecentos e oitenta e os seus membros especialmente na região das estradas operacionais números dois e três tiveram oportunidade de sentir, da maneira mais viva e convincente o ambiente de terror ou pânico a que se referira em Marabá o bispo Dom Alano Maria Pena; que mesmo as pessoas que depois se sabia serem moradores de longa data do local se desculpavam de

nada informar alegando que não moravam lá e algumas até ao que se soube teriam sido até aprisionadas; este ambiente de terror e de completa reserva dos habitantes a responder as perguntas que lhe eram feitas era mais intenso na estrada operacional três, especialmente em Palestina e Brejo Grande; que estão presentes nessas assentados parentes de pessoas envolvidas nas guerrilhas e posteriormente dadas como desaparecidas; essas pessoas são dona Cyrene Moroni Barroso, dona Diva Soares Santana e senhor Djalma Conceição Oliveira os três também integrantes da caravana e que participaram da mesma impressão de completo domínio do medo entre a população daquela localidade; que foi sintomático para a caravana em correlação com o evidente pânico das populações ter sido ela seguida na região da operacional número dois por uma picap Chevrolet e na operacional três por um carro Fiat cujos ocupantes não puderam ser identificados; que entretanto um dos ocupantes deste último chegou a apresentar-se como primo de um camponês, digo lavrador conhecido como Carretel que era uma das pessoas que elementos da população não obstante sua permanente reserva chegaram a identificar como tendo sido presos e posteriormente desaparecidos entre eles também os lavradores de nomes Luizinho, Alfredo, Frederico e outros como também teve a caravana a notícia sem identificação precisa de lavradores mortos nas operações das autoridades que atuaram na região; que evidentemente pelas circunstâncias adversas mencionadas e ainda por outras como a grande extensão a percorrer e as dificuldades quase insuperáveis de locomoção o trabalho da caravana teria de deixar muito a desejar, mas é digno de registro que foi o primeiro esforço verdadeiramente pioneiro e sistematizado, embora com deficiente estrutura de identificação no sentido de procurar documentar o que de fato ocorreu no longo período de 1972 a 1975 no sul do Pará quando um grupo de combatentes que se intitulava guerrilheiros do Araguaia tiveram de defrontar com forças militares do Exército, da Marinha e da Aeronáutica; que, não obstante as deficiências da documentação colhida, delas resultou à caravana a firme convicção, primeiro, de ter havido a guerrilha, segundo, de terem sido capturados vivos, deslocados do ponto da sua prisão para outros locais e afinal apresentados como desaparecidos numerosos participantes da guerrilha, terceiro que foram torturados não somente combatentes como também numerosos elementos da população que não participou de tais atividades, quarto, que foram violados e sonogados cadáveres e, finalmente, inúmeras indicações de túmulos ocultos nas florestas; que o relatório apresentado pelo depoente em ilustração ao seu depoimento contém outros pormenores muito valiosos entre eles o depoimento de Zé Veinho que mencionou a prática de serem mostrados por autoridades aos elementos da população local, mapas formados de nomes e fotografias os quais eram retirados como indicação dos que estavam fora de circulação; que o depoente confia em que investigações mais bem aparelhadas possam ser levadas a efeito para se apurar em definitivo qual foi a destinação verdadeira dos muitos desaparecidos na Guerrilha do Araguaia, especialmente para se adquirir a certeza de terem sido ou não assassinados e de que maneira; que para finalizar o seu depoimento deixou consignado o seu agradecimento em primeiro lugar, ao Conselho Seccional da Ordem dos Advogados do Pará, por ter proporcionado ao

depoente participar desta caravana de investigação e, por último, ao Conselho Federal da Ordem, perante cuja Comissão de Direitos Humanos pôde prestar este depoimento.

O Presidente agradeceu a presença e a colaboração do depoente bem como a atenção das pessoas que aqui estiveram presentes e nada mais havendo a registrar determinou o encerramento do presente termo que vai devidamente assinado. Eu, Elizabeth do Amaral Vergueiro, datilógrafa da Comissão de Direitos Humanos, os datilografei.

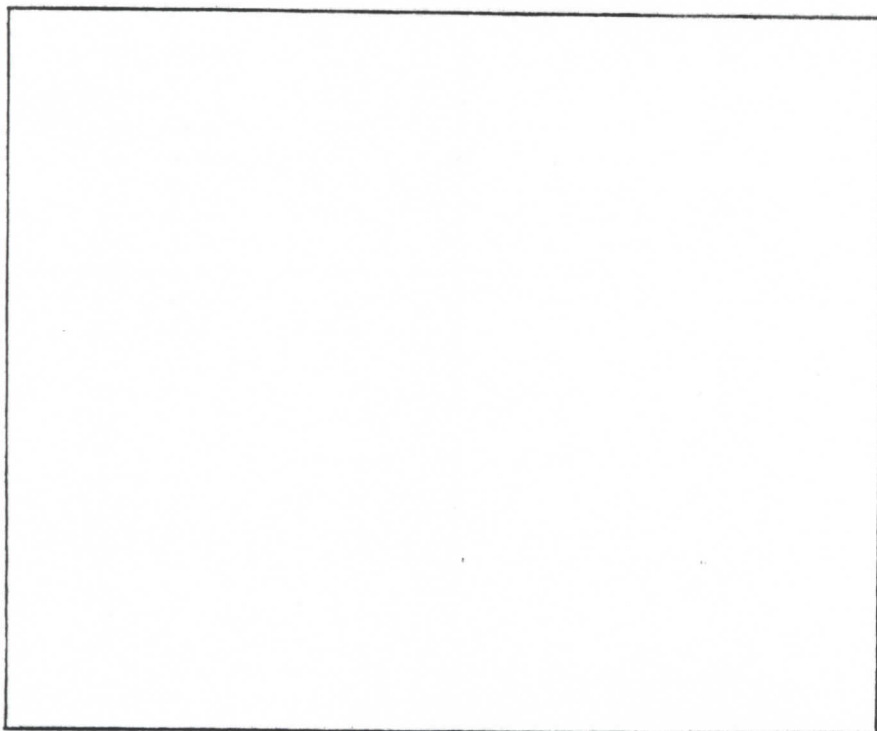
Victor Nunes Leal
Presidente

Paulo Fonteles de Lima
Declarante

Nilo Batista
Relator

Leonor Nunes de Paiva
Testemunha

Katia Coelho Vasconcelos
Testemunha



RELATÓRIO
CARAVANA DOS FAMILIARES DOS MORTOS
E DESAPARECIDOS NA GUERRILHA DO ARAGUAIA.

Paulo Cesar Fonteles de Lima.

DD. Prof. Dr.
Joaquim Lemos Gomes de Souza
Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil – Seção Pará
Nesta

Senhor Presidente,

Recebendo vosso Ofício nº 583/80, em 24.10.80, comunicando-me minha designação pelo Conselho Seccional do Pará da Ordem dos Advogados do Brasil para funcionar como OBSERVADOR da ORDEM durante a jornada que a caravana de familiares dos mortos e desaparecidos do movimento armado no sul do Pará, conhecido como GUERRILHA DO ARAGUAIA, desloquei-me, imediatamente, para a cidade Marabá em 25.10.80, para encontrar a referida caravana e desincumbir-me da missão com que fui honrado, acompanhando-a, por fim, em todo seu périplo, até a cidade de Araguaia, em Goiás, de onde regressei para Brasília, em 05.11.80.

A composição do Relatório da viagem, contudo, deixou-me em dúvida. Acompanhar quase uma vintena de familiares, muitos dos quais, pais e mães, com mais de sessenta anos de idade, pelos lonjuras do Araguaia, cortando os caminhos das matas amazônicas, em sôfrega busca de notícias de seus filhos, encontrando-as e desencontrando-as, no mais das vezes misturadas com sangue e descrições de tremendas violações dos mais mezinhos direitos humanos, aturdiu-me. Como compor o Relatório? Sintético, singular, expondo apenas o essencial; ou circunstanciado, pormenorizado e descritivo?

Considerando de grande importância as informações coligidas e o extraordinário esforço que a ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL vem demonstrando na defesa dos direitos inalienáveis da pessoa humana, fiz a segunda opção, embora correndo o risco de parecer cansativo.

Eis o Relatório:

1. PARTICIPANTES DA CARAVANA – Participavam da Caravana, na condição de familiares: Dona Cirene Moroni Barroso, mãe de Jana Moroni Barroso (Cristina); Sr. Djalma Conceição Oliveira, irmão de Dinalva Oliveira Teixeira (Dina) e cunhado de Antônio Teixeira (Antônio da Dina); Dona Helena Pereira dos Santos, mãe de Miguel Pereira dos Santos (Cazuza); Dona Júlia Gomes Lund, mãe de Guilherme Lund (Luiz); Dona Diva Lopes Santana, irmã de Dinaelza Coqueiro (Mariadina) e cunhada de Wandick Coqueiro (João do B.); Sr. Consuetto Callado, pai de Daniel Callado (Daniel); Deputado Roberto Valadão, irmão de Arildo Valadão (Ari) e cunhado de Áurea Valadão (Áurea); Dona Alzira Grabois, esposa de Maurício Grabois, mãe de André Grabois (Zé Carlos) e sogra de Gilberto Olímpio Maria (Gil); Dona Vitória Lavínia Grabois, filha de Maurício Grabois (Mário), irmã de André Grabois e esposa de Gilberto Olímpio Maria; Sr. Edgar e Dona Irene Correa, pais de Elmo Correa (Lourival) e Maria Célia Correa (Rosinha) e sogros de Telma Correa (Lia); Dona Rita de Araújo Marques, tia de Bergson Gurjão Farias (Jorge); e Rosa Batista, irmão de Uiraçu de Assis Batista (Valdir).

Presentes também representantes das seguintes entidades: Alexandre Cunha, coordenador do Comitê Paraense de Anistia da Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos; Abigail Paranhos e Iramáia Benjamin, do Comitê Brasileiro pela Anistia – Rio de Janeiro; Deputada Maria Luiza Fontenelle do Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB, Ceará, e Zélia Carvalho e Noélia Ribeiro Pinheiro, do Movimento Feminino pela Anistia – Ceará.

2. OBJETIVOS DA VIAGEM – Conforme a carta que o Comitê Brasileiro Pela Anistia, em 30.09.1980, endereçou a esta Seccional, "... familiares dos mortos e desaparecidos na Guerrilha do Araguaia, cumprindo um dever sagrado e inalienável de procurar descobrir o paradeiro de seus filhos, irmãos, maridos e pais visto que o regime militar se nega a prestar esclarecimentos a respeito, mantendo-se no mais absoluto silêncio, se vêem forçados, a ir, em caravana, àquela região do Sul do Pará, com o objetivo de obter informações quanto ao destino que foi dado a esses patriotas, num total de 59 (cinquenta e nove) pessoas das quais não se tem notícias desde o ano de 1972".

3. INFORMAÇÕES SOBRE A GUERRILHA – Os autores da publicação "A Guerrilha do Araguaia", em História Imediata, Ed. Alfa – Ômega, agosto de 78, escreveram que "Há 6 anos, quando saíram as primeiras notícias sobre a guerrilha do Araguaia, nos interessamos pelo assunto. Guerrilha do Araguaia?... Oficialmente nada se conseguia. O Exército não soltava nem comunicados oficiais. As autoridades faziam exíguas referências ao assunto. O General Médici, nem isso – jamais falou publicamente sobre a guerrilha. O General Geisel citou-a na mensagem que enviou ao Congresso, em março de 75, no capítulo que apresentava o esforço oficial para conter a subversão. Esporadicamente, outras autoridades diziam alguma coisa, como o Senador Jarbas Passarinho (num debate no

Senado) ou o deputado arenista Célio Borja (numa entrevista sobre outro assunto na Isto É). . .

A única reportagem publicada no Brasil, entre o início da guerrilha em 1972, e 1978, saiu n'O ESTADO DE SÃO PAULO em setembro de 1972. Logo depois, a censura prévia abateu-se sobre a imprensa e a guerrilha do Araguaia permaneceria inédita. . .

Não era o caso, por exemplo, de movimentos guerrilheiros como aquele que o Capitão Carlos Lamarca liderou no Vale da Ribeira, em São Paulo, em 1970; ou aquele deflagrado na serra do Caparaó, em Minas Gerais, em 1966. Esses foram amplamente divulgados pela imprensa. . .

Afinal o que tinha aquela guerrilha de tão dantesco para não ser divulgada? Compreendemos algumas causas: o PC do B é ilegal. O interesse das autoridades era que, para evitar o "efeito multiplicador" da publicidade de que fala o Cel. Jarbas Passarinho (e forma de combatê-la) não viesse ao conhecimento público.

. . . o General Viana Moog, um dos chefes das tropas do Exército que combatera a Guerrilha. . . disse apenas, reservadamente:

— Foi o maior movimento de tropas do Exército, semelhante à mobilização da FEB (Força Expedicionária Brasileira), que combateu o fascismo na Europa, na Segunda Guerra".

Hoje, inúmeras reportagens, artigos, entrevistas e até livros foram publicados sobre a Guerrilha do Araguaia, entre os quais: "Diário da Guerrilha", provavelmente de autoria de Ângelo Arroyo, um dos seus comandantes, que a sobreviveu e foi morto em setembro de 1976 em São Paulo; e "Guerra de Guerrilhas no Brasil", de Fernando Portela, Global Editora, 1979. Desse modo, já se pode fazer, com razoável objetividade, uma síntese desse movimento armado.

A Guerrilha do Araguaia desenvolveu-se entre abril de 1972 e meados de 1974, no sul do Pará, bordejando as regiões cortadas pelo baixo rio Araguaia até sua desembocadura no Tocantins. Foi um movimento político armado, de caráter revolucionário, realizado através da guerra de guerrilhas, dirigido pelo Partido Comunista do Brasil — PC do B., na clandestinidade, que pretendia a derrubada do governo e a instauração no País de uma Democracia Popular. Foi duramente combatido pelas Forças Armadas Brasileiras, que teriam empregado nessa guerra cerca de 20.000 homens.

As forças guerrilheiras compunham-se inicialmente de três (03) destacamentos, cada qual com vinte e três (23) elementos, dirigidos por uma Comissão Militar. Enfrentou vitoriosamente duas (02) Campanhas de Cerco e Aniquilamento, a primeira em abril a junho de 72; a segunda, setembro a outubro de 1972; sendo derrotada na terceira campanha, de outubro de 1973 a meados de 1974. A grande maioria de seus integrantes estão mortos e desaparecidos.

4. A VIAGEM — A Caravana dos familiares dos mortos e desaparecidos na Guerrilha do Araguaia percorreu, em praticamente 10 dias, três municípios do Sul do Pará: Marabá, São João do Araguaia e Conceição do Araguaia, onde se desenvolveu a luta armada.

Enfrentou para conseguir seu desiderato, duas ordens de fatores: a ex-

trema dificuldade de locomoção nos ermos da selva amazônica, mormente quando boa parte dos que a integrava eram pessoas de idade avançada; e, principalmente, o verdadeiro terror em que vivem até hoje os moradores da região, recusando-se, no mais das vezes, a tecer qualquer comentário sobre o que chamam "tempo de confusão".

Dom Alano Maria Roma, Bispo da Diocese de Marabá, que gentilmente cedera o Centro de Treinamento daquele Bispado para acomodar a Caravana, em sua primeira visita antecipara as dificuldades: "o povo sofreu um massacre no tempo da guerra e depois uma "lavagem cerebral" massiva". Para exemplificar, historiou que durante muitos anos, até 1979, até missa era impossível celebrar-se em certas áreas da Diocese. Não que o povo católico a enjeitasse, mas que todo morador na casa de quem fosse celebrado o ato litúrgico era imediatamente preso e levado para o Quartel da 23ª Brigada de Infantaria da Selva, localizado no Km. 8 da Transamazônica, levando o próprio povo a pedir ao Bispo que não mais lhe enviassem padres. Dom Alano já havia feito, inclusive, denúncia nacional, a respeito. Auguriava-nos, entretanto, maiores dificuldades ainda, porque fora informado que agentes das Forças Armadas, tomando conhecimento prévio da Caravana, haviam passado de casa em casa, pelo sertão afora, ameaçando os lavradores para que não dessem nenhuma informação aos familiares, além de espalharem o boato de que eles estariam lá para se vingar da população.

Apesar disso, dessas dificuldades que se mostrariam absolutamente reais, a pesquisa de informações sobre os mortos e desaparecidos tornou-se muito profícua, levantando dados, através de alguns poucos depoimentos de homens e mulheres do povo, que ousaram falar de estarrecer.

4.1. EM MARABÁ

25 de outubro — A Caravana, ainda pela manhã, recebeu a visita de Lauro Rodrigues dos Santos, ex-lavrador, morador da região da Faveira ao tempo da guerrilha, hoje residente em Marabá. Lauro dos Santos é um mutilado. Perdeu a mão esquerda, no dia 17 de agosto de 1972, ao encontrar na mata uma granada de mão do Exército e, inadvertidamente, fazê-la explodir. Esta explosão além de mutilar Lauro para sempre matou o lavrador Sabino Alves da Silva, que estava em sua companhia. Apesar de muitas promessas, até hoje Lauro não recebeu qualquer ajuda das autoridades militares.

Lauro dos Santos fez o primeiro depoimento para Caravana, contando de seu relacionamento com muitos dos militantes do Partido Comunista do Brasil, dizendo entre outras coisas:

"Conheci Seu Mário, Zé Carlos, Joca, Orlando, Zezinho, Luiz, Seu Cid, Dona Maria, Regina, Alice, Sônia, Beto. Quando eles chegaram, nós tínhamos um vizinho que vendeu um sítio pro seu Mário, aliás parece que ele encontrou seu Mário em Imperatriz. Quem primeiro chegou foi Seu Mário, Dona Maria e o Joca, em 1969. Antes dessa época eu conheci o Osvaldão, na cidade de Marabá.

Foram trabalhar na roça, comércio, farmácia. Atendiam bem o pessoal, aliás todo mundo gostava deles. A gente caçava, passeava. Minha mãe ensinou muitos deles a fazer comida aqui da região, beiju, tapioca, mandioca.

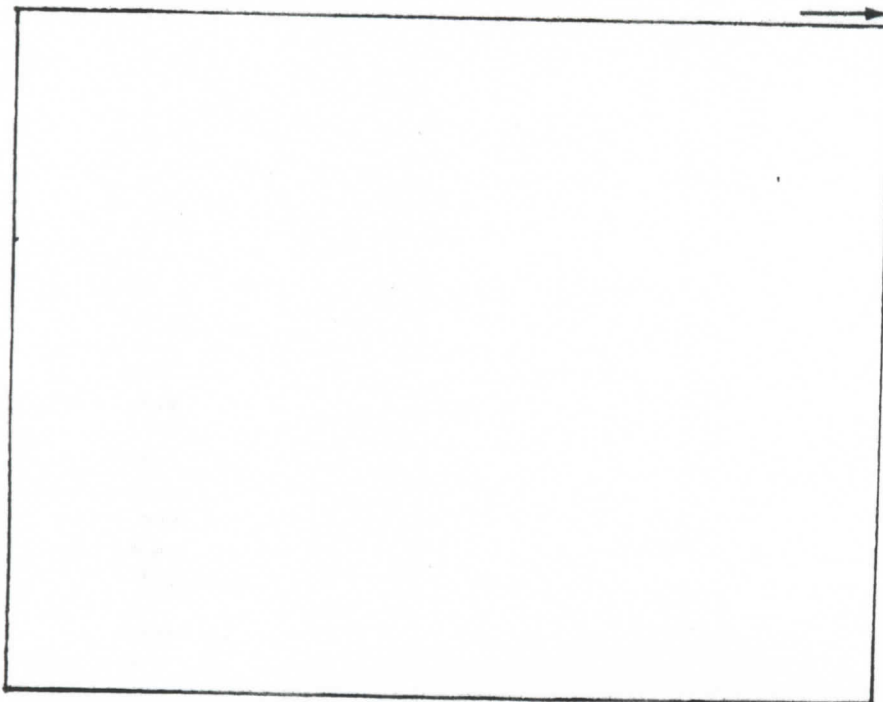
Eles falavam que tinham vindo para cá porque na região deles era tudo difícil, muito caro, e eles preferiram vir pra cá para trabalhar e ajudar o pessoal.

Eles tinham farmácia. Eu, por exemplo, tive uma malária de 20 dias e quem me curou foi a Alice. Se não fosse ela tinha morrido”.

Além dessas afirmações, Lauro Rodrigues dos Santos ainda fez um relato sobre a prisão de seu próprio pai, Eduardo dos Santos, hoje falecido, sem mandado e sem culpa formada, por puro abrítio, durante cerca de três meses, no antigo “Tiro de Guerra” em Marabá e em Belém, unicamente para prestar informações às tropas federais.

No mesmo dia, os familiares se dirigiram às ruas da cidade, distribuindo um folheto em que solicitavam o apoio dos moradores para a localização de seus parentes.

À noite, na Catedral de Marabá, Dom Alano M. Pena, acompanhado pelo Padre Guido Bonflour, celebrou missa em memória dos mortos e desaparecidos. Com a Igreja quase lotada, sem entrar no mérito dos métodos que haviam escolhido para combater o regime, o Diocesano frisou o sentido humano e patriótico, o idealismo, daqueles que tudo haviam abandonado para entregar suas vidas na luta por uma sociedade melhor. Chamando um a um dos mortos e desaparecidos, ao que os familiares respondia: presente!



Logo após a cerimônia religiosa, apresentou-se com esse fim, à Caravana, Dona Ides Rodrigues de Brito, comerciante, viúva, residente e domiciliada na cidade de Araguaína, Estado de Goiás. Não que tivesse alguma informação mais exata sobre quaisquer dos mortos e desaparecidos. Queria apenas registrar o terror que se instalara na região ao tempo da guerrilha. E contou sua trajetória -- Que em 14 de dezembro de 1972, em Imperatriz, cerca de 20 soldados invadiram sua residência, prendendo-a e a toda sua família, sob acusação de que seu irmão, Claudiomar, teria sidoligado, anosatrás, ao Partido Comunista. Embora nada tenha sido comprovado, Claudiomar ficou mais de 100 dias preso no Batalhão de Infantaria da Selva, sendo barbaramente torturado, inclusive com choqueselétricos. Em decorrência dessa prisão, o pai de Dona Ides, Raimundo Rodrigues faleceu de ataque cardíaco. E a sua cunhada, esposa de Claudiomar, grávida de oito meses abortou, perdendo a criança. Dona Maria Ides acusa as Forças Armadas de "quase terem levado uma família inteira à destruição".

26 de outubro -- A Caravana programara para o dia 26 de outubro sua primeira viagem ao sertão. Antes de sair, contudo, apresentou-se-lhe a Sra. Maria Raimundo Veloso, 50 anos de idade, moradora do povoado denominado "Meta-de". Dona Maria Raimundo soubera da Caravana e também desejava dar seu próprio testemunho. Assim disse que:

"Conheci Nelito, a Cristina, o Duda, Antônio, Nilo, Rosinha, Zé Carlos, Édio, Lino, Waldir, João Araguaia, Fátima, Sônia. Eles chegaram antes de 70, porque tenho um menino de 71 e nasceu na época que eles já estavam lá. . .

Eles convidavam o pessoal para uma libertação. Agora ninguém compreendia essa libertação. Eles conversavam aqueles problemas, faziam muita caridade.

Depois, quando eles saíram pra mata, que vieram novamente em minha casa, eles explicaram pra mim que eu fizesse união com meus vizinhos. Se eu soubesse costurar, ensinasse meus vizinhos. Se eu soubesse ler, ensinasse meus vizinhos; e o pão que nós tivesse era para compartilhar uns com os outros. Agora eu não compreendia esse negócio de libertação. Vim compreender depois que comecei a ler a Bíblia. Aí eu compreendi mais ou menos o que é a libertação. . .

Eles trabalhavam na roça, derrubaram um pedacinho, plantaram arroz, cana, tomate, banana, café, macaxeira. Quando eles saíram ficou tudo lá. A Cristina lecionou pras crianças durante 4 meses.

Todo mundo gostava deles, porque eram umas pessoas delicadas, umas pessoas distintas, faziam benefícios aos outros. Umass pessoas bem educadas, mais ou menos

todo mundo conhecia que eles eram umas pessoas boas, não era gente assim à toa. Todo mundo gostava deles. . .”

Depois de fazer um relato dos acontecimentos iniciais da guerrilha, quando as Forças Armadas entraram na região, buscando prender os futuros guerrilheiros, Dona Maria Raimundo esclareceu que viu e soube de guerrilheiros que foram presos vivos:

“O Nilo foi preso na Transamazônica. O meu marido, o Sitônio (Antônio Veloso) já falecido, foi que levou ele. Depois o Nilo foi preso e atravessado numa balsa e levado pra Belém.

Eu vi Rosinha ser presa. Encontrei ela na Vila São São José. Eu estava numa casa quando ela encostou. Muita gente viu. Ela pedia pra gente rezar por ela, pra ela não morrer. Eu acho que tinha se entregado. Ia amarrada, mas em não conheço os caras que iam com ela. Estavam à paisana. Sei que ela foi presa no fim da guerra, e ouvi falar que levaram ela pra Bacaba, onde o Exército tinha um Centro. . .”

Dona Maria Veloso, contudo, começaria a dar o verdadeiro contorno do que foi a “Guerrilha do Araguaia” para o povo da região, dando concretude às palavras de Dom Alano:

“ – O Exército prendia, batia, botava de pernas pra riba, esgançado numa vara, com a cabeça pra baixo, dentro de um buraco. Botavam nu, passaram 5 dias nu, do jeito que nasceram, dentro de um salão. Eram muitos dentro de um quarto. O Seu Zé da Luz, Abdias, Pedro Borba, tudo tavam nu, nu, nu. Sem beber. E a água, quando foi com 5 dias sem beber, é que foram beber e a água era quente, morna, parecia que tinha sido fervida. Sem comer e sem beber. Isso com os morador.

Prendiam, batiam, botavam em cima de umas latas. . . (método de tortura que consiste na colocação do preso torturado em cima de uma lada de bordas afiadas, para que com o peso do corpo, pouco a pouco, as bordas da lata penetrem nos pés descalços do prisioneiro).

Dona Maria Veloso ainda contaria que, à época, as Forças Armadas obrigavam os moradores da região a lhes servir de “guias”. Uma espécie de material rastejador para orientar os soldados, dentro da mata, na caça aos guerrilheiros. Seu próprio marido, Antônio Veloso, também falecido, a isso foi obrigado:

“ . . . quando os meninos (guerrilheiros) andavam lá em casa foram pedir pro Sitônio (Antônio Veloso) não

andar nê, porque era arriscado eles atirarem no guia, porque o guia ia na frente. Eles não faziam isso porque já conheciam o Sítionho, mas tinha outros batalhões junto com eles que podia atirar nele. Aí o Sítônio disse pra eles, mas o que que eu ando de fazer? Porque se a gente não vai, vai muito humilhado demais, vai batido. É o jeito, agora é o que Deus quiser. . . Agora o Sítônio só foi uma vez”.

Dona Maria Raimundo mencionou também um tipo de apoio que o povo deu aos guerrilheiros:

“... Quando eles foram pra mata, quando eles já estavam muito anaufragos, porque eles deixaram as coisas escondidas, mas o pessoal já tinha achado, já tinha tudo acabado, eu dei roupas, dava o de comer, farinha, tapioca. Seu Zé da Luz mandava botinas, rede, tudo isso pra eles no mato. . .”

4.2 NA OP 2 – A OP 2 é uma estrada operacional, construída pelo Exército, à época, ligando São Geraldo a Apinagés, cortando de sul a norte a área conflagrada a guerrilha. Ali, depois da Guerrilha, as Forças Armadas assentaram muitos guias. Em seu eixo, ainda no município de São João do Araguaia, estão localizados o povoado da “Metade” e a cidade de “São Domingos das Latas”, onde muitos dos guerrilheiros viveram. E por isso, em busca de informações, para lá se dirigiu a Caravana.

São Domingos das Latas é uma cidadezinha com aproximadamente 5.000 hab. Nela, mais uma vez, se confirmaram as palavras do Bispo: Agentes policiais haviam ido de casa em casa ameaçar o povo para que não falasse.

Quando os familiares penetraram na cidade, espalhando seus folhetos, a convidar o povo a lhes fornecerem informações, o clima tornou-se irrespirável. Toda uma cidade, mas toda uma cidade, homens, mulheres, velhos, crianças: de cabeça baixa, olhos derreados, desviando-se de qualquer contacto com familiares. Ninguém sabia de nada, ninguém conhecia nada, ninguém sequer morava na cidade ao tempo da guerrilha. Moradores fecharam portas e janelas de suas residências. Até os cães vadios pareciam querer fugir do contacto com os familiares.

Houve um momento em que os deputados Roberto Valadão e Maria Luiza Fontenelle e a Sra. Diva Soares Santana restariam aturdidos: após tentarem inúmeros contactos, viram um velho camponês que lhes enviava sinais furtivos de que lhes queria falar. Tremendo, por um momento, se aproximou. Com lágrimas que lhe corriam nas faces, disse-lhe apenas: “eu queria falar, mas tem dois guias do Exército aqui, atrás de mim”. E se afastou.

Apesar disso, uma moradora teve a coragem de fazer um depoimento. Dona Lindaura Vilarense, casada, 52 anos, sete filhos. Visivelmente emocionada, como se visse fantasma, disse:

“O Zé Carlos morou em São Domingos. Quando ele chegou perto da guerra, eles saíram. Tinha deles que

viviam na mata. Tinha enfermeira, muito boa. Faziam parto, davam assistência pro pessoal dentro da mata. Davam remédio e conquistavam o pessoal para acompanhar eles, dizendo que o Presidente, o Governador não davam assistência ao pessoal da mata. Então o pessoal adoeciam, morriam à mingua, e eles nem sabiam que o pessoal existiam. Diziam isso pro povo antes da guerra começar. E por isso eles já tinham bastante gente com eles, que morreram junto com eles por aqui mesmo. . .

Todo o pessoal que tinha contacto com eles foram presos. Daqui, uma base de cento e tantas pessoas, foi muita gente. Eram tratados mal, judiados, maltratados. Eram presos, fechados, suavam lá mais de 24 horas. Davam um pouquinho de comida, só pra não morrerem de fome, uma vez por dia. Botavam em cima de lata de carne, Jescalço, pra lata entrar nos pés”.

Dona Lindaura Vilarense ainda disse que muitos presos, gente do lugar, jamais voltaram. Confirma que “Rosinha” foi presa viva, passando por São Domingos num jeep. Um dos seus filhos disse ainda que sabe onde estão localizadas suas sepulturas de guerrilheiros, enterrados na mata.

Saindo de São Domingos rumo a “Metade”, pela OP 2, a Caravana foi seguida por bom trecho por uma pick-up C 10, sem maiores conseqüências, todavia, a não ser a certeza de que todos os passos estavam sendo vigiados.

A “Metade” é um povoado, um “patrimônio” como chama o povo do lugar, de não mais que uma centena de casas. Distante 03 Km, antes da desflagração dos combates, os guerrilheiros possuíam uma fazendinha. Eram absolutamente conhecidos, de acordo com o testemunho de Dona Maria Raimundo Veloso.

O clima, entretanto, ainda seria pior que o de São Domingos. Até conseguir saber o nome de um morador foi difícil. As ruas desertas, a grande maioria dentro de suas casas, alguns à porta, de pé. Também nada sabiam, nada conheciam, nada sabiam informar, tudo negando com os olhos fundos de emoção.

Houve uma senhora, que se identificou como Maria, que negou várias vezes que sequer tivesse ouvido falar nos guerrilheiros. Todavia, ao ser informada da presença de Dina Cirene Moroni Barroso, mãe de “Cidinha”, que passava ao redor, exclamou: “É a mãe da Cristina?! É moço, mas eu não posso falar nada!”.

Ainda assim, alguém se disporia a dar o seu depoimento. E mencionando ainda mais inúmeros guerrilheiros que foram pegos vivos e feitos prisioneiros. José da Luz Filho, lavrador, que teve seu pai preso durante sete meses em Marabá. Contou que:

“Conheço o Nelito, Cristina, Piauí, Edinho, Duda, Valdir, Manoel, Mário, Zé Carlos, Daniel, Paulo, Dina, Sônia, Josias, Nilo. Eles que se não sabiam trabalhar. Ensinei eles a fazer tudo, e trabalhei muito pra eles. Eles andavam muito, pra cima e pra baixo.

Quando o Exército chegou a 1ª vez, matou a Fátima. Ela está enterrada a 100 metros das "oito barracas".

O Zé Carlos e o Seu Antônio e um outro morreram também. Eles estavam matando um porco e quando colocavam a carne nas matulas foram metralhados pelas costas. O Guia que acompanhava a patrulha era o Ranu, foi o próprio Ranu que me contou. . .

O Velho Mário morreu quando comia carne de sol, encostado numa árvore. Todos os que estavam com ele morreram também. Foi na Barra das Andorinhas.

Pegaram a Rosinha e levaram ela pra Bacaba. A Cristina e o Nelito foram presos e levados pra Bacaba. O Josias se entregou em São Geraldo. O Duda também foi entregue em São Geraldo. Depois o Piauí se entregou também. O João Araguaia também se entregou na casa da minha madrinha Nazaré Rodrigues de Souza. O Exército ficou com eles vivos. . ."

José da Luz Filho explicaria ainda que o "se entregar" consistia na busca de contato com os lavradores, que estavam com suas casas guarnecidas por tropas. De todos os citados, propriamente apenas "Duda" talvez haja realmente se entregado ao Exército.

Dona Maria Augusta da Luz, mãe de José da Luz, embora visivelmente nervosa acompanhou a entrevista do filho, reportando-se também a vários acontecimentos:

"Prenderam o meu marido. Disseram que ele era da turma do Osvaldão. Vieram buscá-lo, tudo à paisana. Meu marido ficou incomunicável durante três meses. Primeiro levaram ele pra Bacaba, Marabá e Araguaína. Só pude visitar ele na Bacaba depois de três meses. Aí ele ficou nu, dormia no chão e até hoje tem sinal na costa de maltrato. A comida da Bacaba nem porco comia. . ."

José da Luz Filho ainda se expressou sobre a caravana e o direito dos familiares de saber a notícia de seus entes queridos:

"Eu acho que eles tem direito. Sabe por que? Porque os pais tem de procurar os filhos e porque eu acho que eles estavam certos. Eu acho que eles estavam direito, lutando pelo povo. Eu acho que o Exército bancou uma grande covardia. Já que eles iam fazer isso, que lutassem de outro jeito, mas não pegar o povo e matar assim, matar um bocado de lavrador aí na base da taca. Eu acho que isto aí é uma grande covardia".

4.3 **NA OP 3** – A OP 3 é outra estrada operacional, construída pelo Exército no tempo da guerrilha. Liga o povoado de Santa Isabel à Transamazônica, dentro do município de São João do Araguaia. Nas terras que a ladeiam foram também assentados os guias do Exército.

É nessa região que os padres da Diocese de Marabá, até o ano de 1979, não podiam nem rezar missa. Segundo agentes da pastoral e homens do povo a OP 3 circunscreve verdadeiro campo de concentração. Todo tempo sob férreo domínio do célebre Major Curió, o Tenente-Coronel Sebastião de Moura, diretamente ligado ao Conselho de Segurança Nacional, da OP 3 ninguém pode sair. Conta-se que em 79 um dos "guias" tentou sair da área, indo para o Maranhão. Lá, entretanto, foi localizado e obrigado a voltar, sob alegação de que o lugar dele era na OP 3, pois ali ele tinha de tudo.

29 de outubro – A Caravana, em que pese algumas opiniões contrárias, resolveu ir até a região da OP 3, segundo para lá em carro fretado. Segundo Djalma Oliveira, um dos familiares, a situação "era mais ou menos um estranho entrando numa aldeia de índios".

Vitória Lavínia Grabois descreveu a viagem: "Primeiro fomos a Bacaba, no lote do Sargento Santa Cruz. Lá fomos recebidos por um homem velho, chamado Miguel. Disse-nos que já sabia de nossa chegada e parecia estar com muito medo. O lugar era estranho. Um barracão de madeira, muito bem construído. Um grande salão e vários cubículos que davam para o referido salão. Também havia um banheiro, muito bem montado para a região. Havia várias máquinas de costura, várias geladeiras, muitos brinquedos e um arquivo bastante enferrujado. Também havia botas de soldado e muitos sacos cheios de mantimentos, talvez. No fundo, havia um cercado no terreno que achamos que fosse um cemitério. Alguns familiares viram um homem nos espreitando, na mata... Na Palestina, a população estava muito temerosa. Nos olhavam com muita desconfiança. Entramos num botequim do Pedro. Ele estava muito temeroso e disse que não conhecia ninguém. Depois outras pessoas disseram que o próprio Pedro fora preso e muito torturado. A cidade inteira nos olhava com muita desconfiança, acabando por provocar uma crise de choro em Dona Cirene Moroni Barroso, no meio da rua.

Um jovem que não quis se identificar narrou a guerra. Disse que houve muito tiro. Os helicópteros sobrevoavam a área com muita intensidade. Devido ao fogo intenso, os moradores fizeram buracos nas paredes, que conservam até hoje, pois o Exército divulga na região que haverá outra guerra. Através de fotografias, identificou José Humberto Bronca, o Fogoió, um dos guerrilheiros e informou que Osvaldão foi morto em 73 no "Saranzal". Que primeiro o levaram para a Bacaba e depois para Xambioá.

Com o clima menos tenso, um lavrador se identificou como comrade do Osvaldão. Outra mulher, quitandeira, reconheceu as fotos do Osvaldão e chorou muito. Por fim, dona Cirene foi chamada para dentro de uma Igreja da Assembleia de Deus e lá as mulheres fizeram uma prece, chorando, para os guerrilheiros.

Da Palestina fomos para o Brejo Grande. O clima era o mesmo, de muita desconfiança. Enquanto distribuíamos nossos folhetos, éramos olhados e vigiados com hostilidade e receio. Uma professora ainda tentou dar informações.

Notamos que um automóvel Fiat que estava na Palestina também estava em Brejo Grande.

Na estrada, OP 3, que é bastante deserta, paramos numa casa. Percebemos que a dona da casa saiu rapidamente, deixando as crianças a sós. Terror total.

Voltamos para Marabá seguidos ostensivamente. Inclusive um homem que se identificou como primo do "Carretel", um dos lavradores que se tornou guerrilheiro, estava em um dos carros que nos perseguiam, perseguição que só terminou quando deixamos a OP 3".

4.4 EM XAMBIOÁ — A Caravana, após permanecer no dia 30 de outubro descansando em Marabá, partiu no dia 31 de outubro para Araguaína, onde após 12:00 hrs. de viagem rodoviária, pernoitou. Dia 1º de novembro seguiu para Xambioá.

Xambioá é a cidade sede do município goiano do mesmo nome. Debruçada sobre a margem direita do Rio Araguaia, em frente à cidade de São Geraldo, no Pará, foi a principal base de operações anti-guerrilha das Forças Armadas. Por isso agregou a si o nome do movimento armado, que ficou também sendo conhecido como "Guerrilheiro de Xambioá".

Naquela cidade não havia notícias de que agentes policiais tivessem passado por lá para ameaçar moradores para que não falassem. E embora fosse perceptível o receio de muitos, a Caravana foi muito bem recebida.

Visitou-se o ex-prefeito da cidade, que afirmou ter conhecido o Osvaldão, Paulo, Dina, relatando, inclusive, que Osvaldão foi seu cabo eleitoral. Disse não acreditar que Osvaldão e Dina estejam mortos, porque eram muito espertos e conheciam muito a mata para se deixarem prender.

Na casa do ex-prefeito, outras pessoas do lugar compareceram levando mais informações. Uma mulher relatou que viu o Daniel preso com um pé machucado. Disse que ele gritou muito na Delegacia e que o levaram para Brasília. Que também viu o corpo de uma mulher na delegacia, o de Elisa.

Dona Joaquina Ferreira da Silva, também residente em Xambioá, contou que viu, na Delegacia, um homem morto, com as roupas completamente rasgadas, a perna quebrada e o corpo todo costurado com cipó. Que depois o enterraram no cemitério. Há pouco tempo, sobre os ossos desse morto que parecem ser os de João Carlos Hass Sobrinho, pelas descrições do morto, foi enterrado o Sr. Vicente Lopes.

A informação mais precisa, contudo, viria da Sra. Adélia Lopes e da proprietária de uma pensão da cidade: o local exato onde foi enterrado o "Jorge", Bergson Gurjão Farias, confirmado pelo próprio coveiro que o enterrou, no cemitério do Xambioá.

Também o motorista de uma Kombi de aluguel precisaria o local, no final da pista de aviação, do tristemente famoso "buraco", onco foram jogados os presos, hoje evidentemente tapado.

EM SÃO GERALDO – A Caravana atravessou o Rio Araguaia, ao entardecer do dia 19 de novembro, para pemoitar em São Geraldo.

São Geraldo é uma pequena cidade, de aproximadamente 2.000 habitantes, situada no município de Conceição do Araguaia. Constitui-se na porta de entrada de todo vale paraense do baixo-Araguaia.

Dia 02 de novembro, dia de finados, a caravana amanhecia nessa cidade. O povo ainda mostra sinais de grande temor. Poucos são os que se aproximam, mas as informações gerais são todas coincidentes: os guerrilheiros eram muito queridos da população; a guerra que lhes moveu as Forças Armadas foi implacável, atingindo o conjunto da população; o medo é sempre presente.

Um morador resume: "Se há inferno, aqui foi muito pior". O uso da tortura, as mais cruéis, foi uma prática absolutamente disseminada, não só contra os combatentes, mas também contra qualquer pessoa que tivesse qualquer ligação com eles.

Dois depoimentos importantes foram colhidos, apontando o nome de mais guerrilheiros que foram presos vivos, e o uso indiscriminado da violência.

José Cândido, motorista da paróquia de São Geraldo relatou:

"Eu tinha uma pick-up. Aí o Sargento me pediu o carro para buscar a Dina. Ela tinha sido presa na serra das Andorinhas. Só tinha um carro e que tinha que sair às quatro horas da manhã. Aí eu pedi pro Sargento para dormir. Quando o sargento chegou me deram 12 segundos para vestir a roupa. Aí eu respondi mal. Que não podia vestir a roupa em 12 segundos. Que tinha que lavar o rosto e tomar café. Aí começaram a contar: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e eu não tinha nem vestido a camisa ainda. Me pegaram pelo braço e me jogaram dentro do carro. Fiquei detido até chegar o carro, de volta. Me deram um tapa. Esculhambaram o carro. Deixaram ele todo quebrado. Depois eu soube que prenderam a Dina. Levaram ela pra base de Xambioá. Ela foi viva. Muita gente viu. Foi em 74, fevereiro. . .

Tinha uma mulher aqui, chamada Dina. Essa mulher sofreu mais de 6 meses amarrada, apanhando, até hoje ela tem marcas no corpo, só porque tinha o nome de Dina. Depois é que descobriram que essa Dina era daqui. Ficou 6 meses amarrada com corda, só desamarravam ela pra ela comer!".

José Ferreira Sobrinho, o Zé Veinho, lavrador de idade avançada, declarou aos familiares:

"... Toda quinta-feira tinha que viajar 3 léguas para assistir a reunião deles (do Exército). E aquilo era sem apelo. Se não fosse, tinha que explicar o motivo que não fui. Se não fosse, daí a pouco chegava 4 a 5 soldados. Lá

nessas reuniões tinha o retrato do pessoal. O que eles iam pegando, iam tirando do mapa. Só vi presa a Lia, que se entregou lá no Macário e foi presa. Aí o Macário mandou chamar o Zé Olímpio. Ela dormiu no barraco do Zé Olímpio, que era uma pessoa deles, do Exército. Ela tava sozinha. Disse que tava com um revólver 38 e um facão. Parece que o marido dela era chamado Lourival, esse dizem que tinham matado ele lá no Carrapicho. Isso foi no final. . . Ela falou que tavam as duas. A Valquiria mais ela. Depois a Polícia foi para ela achar a outra. Ela não achou. Depois eu soube que pegaram essa outra. . . O Amadeu, um negro, morador, ajudou-as. Foi preso e muito espancado. Perguntaram pra ele, se ele queria apanhar ou morrer. Ele disse que preferia morrer. Deram logo um tapa na cara dele. Ele estava com os olhos inchados, os dedos furados. . .

A Lia não sabia que tinham matado o marido dela. Quando ela foi presa o Zé Olímpio trouxe ela para a base de Xambioá".

De São Geraldo, a Caravana resolveu alcançar o povoado de Boa Vista do Pará, à beira do igarapé Goianos, que fora fundado por Paulo Rodrigues Goianos fica a aproximadamente 70 Kms. abaixo de São Geraldo.

Alugado um caminhão, a Comitiva partiu. Todos montados diretamente sobre a carroceria, aos solavancos, numa vereda completamente esburacada, sob um sol abrasante. Os mais jovens, procurando disfarçar o incômodo da viagem ainda gracejavam. Porém, os mais idosos, homens e mulheres de cabelos brancos, com média de 60 anos de idade, pais e mães, tiveram uma prova de horrível resistência física, que a todos preocupava.

Em Vila Nova, a 15 Kms. de São Geraldo, a Caravana parou para descansar. Logo se formou uma pequena multidão de lavradores e pequenos comerciantes para ouvir com atenção os objetivos daquela estranha comitiva. As informações do mesmo teor se repetiam. O bem-querer do povo pelos combatentes, a violência da repressão e o seu alcance sobre a própria população. Disse um morador:

"Naqueles tempos, ninguém podia carregar nada. Era só um kilo de sal, um de açúcar, um de feijão, um de arroz. O Exército furou todas as latas de 20 Kgs, pra ninguém abastecer o povo da mata".

Da Vila Nova, a Caravana chegou até o local conhecido como "Pau Preto", onde, possivelmente, estariam enterrados dois guerrilheiros. Como seus túmulos estivessem distantes alguns quilômetros distantes da margem da estrada, dentro da mata, tornou-se impossível a ida até lá. De "Pau Preto" chagou-se a "Piçarra", à noitinha. Todos completamente extenuados. A "Piçarra" é um "patrimônio" com um comércio e poucas casas, no entroncamento de uma vicinal

que leva às margens do Araguaia.

Pela manhã, a Comitiva partia em direção ao rio, onde tomou um barco que a levou a Boa Vista do Pará.

Até então a Caravana era uma estranha dentro das matas. O povo arre-
dio, só a muito custo falava. Todos circunspectos, com as palavras enunciadas
com visível medo.

Diferentemente de outros povoados, onde a Caravana fora uma surpre-
sa, por Boa Vista já circulava a notícia de que familiares dos mortos e desapareci-
dos no Araguaia chegariam à região. Ao certo, ninguém poderia afirmar se o
povo os receberia, ou se internariam nas matas, para fugir-lhe ao contato.

De todo o Brasil, talvez seja a região onde os conflitos fundiários pela
posse da terra sejam mais agudos. Somente no ano de 1980 aconteceram mais de
10 mortes resultantes da disputa pela terra. Terra do "Gringo", líder camponês
assassinado e de "Perdidos", onde em 1976, posseiros emboscaram uma patrulha
policia, matando dois soldados e ferindo mais quatro. Onde o Grupo Executivo
de Terras Araguaia-Tocantins - GETAT está atualmente cortando as terras de-
marcadas pelos próprios lavradores.

O barco atracou no porto João Lima. Na praia, deslindando a incerteza,
uma representação de camponeses saudou efusivamente a Caravana. Um vulto
camponês, cabeça completamente branca, chorava feito criança. Depois o identi-
ficáramos: Amaro Lins, um ex-militante do Partido Comunista do Brasil, que
se estabeleceu na região em 1968 para compartilhar a preparação do movimento
armado e que depois se afastou dessa preparação. Amaro Lins sobreviveu à guer-
ra, embora tenha sido preso e torturado por três vezes, e vive até hoje pacifica-
mente em sua posse, lavrando a terra. Dele, ouvimos importante testemunho.

Do porto, a Caravana foi levada até ao povoado de Boa Vista do Pará
em carrocinhas, sob o espoucar de tiros de pistola e foguetes.

Em Boa Vista do Pará todo o povo da região estava à espera. Centenas
de lavradores, vestidos com suas roupas de domingo, davam vivas aos familiares.
A pesquisa de informações transformou-se numa festa de confraternização.
A maioria dos familiares soluçava, consolados pelas mãos carinhosas do povo.
Não posso deixar de registrar a frase que um camponês gritava: "esta é a terra
da liberdade. Nós estamos olhando a semente que eles plantaram, continuando
a luta que eles começaram!".

Dona Irene, mãe de Lourival e Rosinha, sogra de Lia, recitava uma poe-
sia para os lavradores cheios de atenção:

Minha filha, minha heroína,
Hoje nascida uma flor
cheia de beleza
de alegria e fulgor
Na estrada da liberdade e do amor caminhou.
Aos pobres e oprimidos entretou
seu coração,
Na luta contra os algozes do povo
e da nação.

Nessa guerra justa talvez tenha caído
 Nas garras ferozes do inimigo.
 Essa batalha, covardemente eles a venceram
 Mas de uma coisa não se aperceberam
 Quantas flores nascerão e o caminho dela
 seguirão.
 E o seu cheiro se espalhará
 E o seu perfume todo povo sentirá
 E a vitória chegará, afinal
 E você será uma heroína nacional.

Depois do almoço, verdadeiro banquete, servido à sombra de uma mangueira, todos foram para o "ranchão", um enorme barracão, onde os lavradores tentaram se reunir para discutir seus problemas. Os familiares foram apresentados, identificando-se seus laços de parentescos com os mortos e desaparecidos na Guerrilha. Depois houve uma troca de saudações entre a Caravana e o povo.

Os lavradores falavam sobre os guerrilheiros com profunda emoção e carinho. Dina, Gilberto, Paulo, Cazuza, Lúcia, Jorge, Daniel, Juca e outros conseguiram, inequivocamente, conquistar a admiração e a simpatia daquele povo pobre.

Para exemplificar, a história de Juca. Segundo informações, João Carlos Hass Sobrinho, o Juca, era um médico formado pela Universidade do Rio Grande do Sul. Ao tempo de estudante, destacara-se como Presidente de uma entidade estudantil gaúcha. Depois de formado, especializou-se em cirurgia cardíovascular, em Londres. Posteriormente, talvez em 1966, foi clínicar na cidade de Porto Franco, no norte de Goiás, organizando, junto com a população, em mutirão, um pequeno hospital.

Procurado pelas forças policiais-militares, deixou Porto Franco e foi se esconder nas barrancas do Araguaia. Para não ser identificado, adotou o pseudônimo de Juca, indo trabalhar, como lavrador, na roça, derrubando paus com machados e limpando a terra com a foice.

O povo conta, entretanto, que numa ocasião, Juca percebendo que uma mulher gestante estava com o feto morto no ventre, não se conteve. Com uma gilete fez uma operação, salvando a mulher. Desde então, sua fama se espalhou pelos sertões, e não havia um doente, naquelas lonjuras, que não o tivesse em sua cabeceira. Até ser deflagrada a luta armada e nela ser morto.

O clima de profunda emoção, em verdade, prejudicou completamente a tomada de informações precisas, em Boa Vista. Ali, onde o povo se mostrava disposto a falar, poucos foram os depoimentos colhidos de forma ordenada.

Amaro Lins, inclusive, prestou valioso testemunho. Narrando sua história, contou que ao ser preso pela terceira vez, no primeiro trimestre de '74, viu presos Áurea Valadão e Daniel Callado, ambos em perfeito estado de saúde. Afirmou que Áurea Valadão estava presa no quartel da 23ª Brigada de Infantaria de Selva, em Marabá; e Daniel Callado, na base de operações anti-guerrilha do Exército, em Xambioá.

Disposto a testemunhar perante a Justiça, se assim for requerido, desde logo se aprestou a fazer uma Declaração Pública sobre os fatos, escriturada em Cartório, que anexamos.

5. DENÚNCIA À NAÇÃO – A Caravana, finalmente, no dia 04 de novembro, partiu de regresso, viajando para Araguaianã. De lá, alcançou Araguaína, onde pernitoiu. Antes de viajar para Brasília, no dia 05 de novembro, encerrando seu périplo, elaborou uma nota de "Denúncia à Nação", nos seguintes termos:

DENÚNCIA À NAÇÃO

Nós, familiares dos mortos e desaparecidos na Guerrilha do Araguaia, com o apoio dos Movimentos de Anistia, da OAB, de setores da Igreja, de parlamentares de vários Estados e da imprensa, organizamos e realizamos uma Caravana, que chegou dia 22 de outubro a Belém, percorrendo durante 15 dias a região, onde se desenvolveu a luta armada.

Os objetivos da Caravana foram o de desmistificar a imagem negativa, forjada pelas Forças Armadas, em relação aos bravos patriotas brasileiros; o outro, de buscar esclarecimentos sobre os mortos e desaparecidos, e de denunciar à Nação e ao mundo as atrocidades monstruosas cometidas pelas Forças Armadas contra os nossos parentes e os moradores locais, que nem a Alemanha de Hitler se atreveu a tanto.

Em Belém, onde permanecemos dois dias, fomos calorosamente recebidos por membros da Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos, Comitê de Anistia, pela CNBB Norte 2, Assembléia Legislativa, Câmara dos Vereadores, OAB, Seção do Pará, e os integrantes da Caravana deram uma entrevista à imprensa local.

Em seguida partimos para Marabá, onde D. Alano Maria Pena (Bispo da Diocese local) celebrou uma missa, cuja afluência superou as expectativas, ato muito significativo em memória dos guerrilheiros que tombaram na luta pela liberdade e justiça para o povo brasileiro!

A Caravana nessa região percorreu locais como: São Domingos das Latas, Vila São José, Metade, Palestina, Brejo Grande, Castanhal da Viúva e as estradas operacionais 2 e 3.

Após, nos dirigimos para a região do Baixo Araguaia visitando Araguaatins, Araguaína, Xambioá, S. Geraldo, Vila Nova, Pau Preto, Ponto Firme, Piçarra, Marcelinense, Boa Vista e Araguaianã. Nesses locais ouvimos centenas de pessoas, colhendo relatos de extraordinária importância.

Expressando a mesma violência que durante o regime de exceção sofreram as populações dos grandes centros, pudemos observar que em certas regiões por onde passamos, existe, ainda hoje, um clima de terror apavorante, que oprime os habitantes destas regiões.

As Forças Armadas usando ameaças e calúnias torpes, buscam manter o seu domínio principalmente sobre os moradores do Sul do Pará.

Na tentativa de fazer calar a voz do povo, sentimos a presença constante dos guias do Exército. Havendo muitas intimidações e provocações gerais.

Mesmo assim, o povo nos prestou profunda solidariedade, através de abraços e lágrimas, refletindo imenso carinho e respeito pelos heroicos combatentes do Araguaia.

Apesar das tentativas de engodo utilizadas pelo Exército, como os projetos GETAT e ACISO, o povo vive no mais completo abandono e miséria.

A nossa Caravana constatou que poucos foram os que morreram em combate. Sendo que a maioria foi levada com vida para os quartéis e acampamentos de Marabá, Xambioá e Bacaba. Desses locais eram enviados corpos, cabeças e presos para Brasília.

Tornou-se evidente que o trabalho desenvolvido pelos guerrilheiros do Araguaia, frutificou e continua firme no seio do povo.

Nós, familiares dos mortos e desaparecidos do Araguaia, em Caravana, diante do que vimos, ouvimos e sabemos, queremos manifestar o nosso mais violento protesto contra a sanha de crueldade e covardia que as Forças Armadas brasileiras utilizaram contra aquele pugilão de heróis, que talvez não se encontre paralelo nem nos campos de concentração nazistas.

Nós, familiares dos mortos e desaparecidos do Araguaia, em Caravana, diante do que vimos, ouvimos e sabemos, queremos cobrar das Forças Armadas, e cobramos até o fim, onde estão os que foram presos vivos? Onde estão enterrados os corpos dos que morreram em combate? Inclusive dos camponeses da região que participaram da guerrilha.

Nós, familiares dos mortos e desaparecidos do Araguaia, em Caravana, diante do que vimos, ouvimos e sabemos, queremos dizer a toda a Nação que há, ainda hoje, em nosso País, no sul do Pará, nas regiões de São Domingos das Latas, Metade, OP 2, OP 3, Palestina e Brejo Grande, um verdadeiro campo de concentração, pior que os fabricados pelos nazistas, posto que são cercados por arames farpados.

Nós, familiares dos mortos e desaparecidos do Araguaia, em Caravana, vimos, sobretudo, prestar a nossa solidariedade ao povo do Araguaia que, dentro de suas condições e alcance, tudo fez, pelo que pudemos observar, pelos nossos entes queridos.

SENHOR PRESIDENTE,

Os fatos são evidentes por si mesmos. A GUERRILHA DO ARAGUAIA é um fato histórico. O General Hugo Abreu a conceituou como "o mais importante movimento armado já ocorrido no Brasil rural".

A análise de suas causas, o acerto ou desacerto de sua proposta, seus efeitos sócio-políticos, é trabalho alentado para políticos e cientistas sociais.

Seu inventário, entretanto, apenas se inicia. Protagonizaram-na milhares de brasileiros camponeses, militantes do proscrito Partido Comunista do Brasil, soldados e oficiais das Forças Armadas brasileiras. Mais de um lustro já se vai de sua desorganização.

Uma chaga profunda, porém, poreja sangue vivo. Centenas de pessoas choram a perplexidade do "talvez e do quem sabe". Onde estão nossos filhos, esposos, pais e parentes?

Luiz Eduardo Greenhalgh e Francisca Abgail Farreto Paranhos, ilustres advogados dos familiares, em sua estupenda peça de interpelação ao Sr. Presidente da República, ajuizada em 25 de junho de 1979, perante o Exmo. Sr. Ministro Presidente do SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, argüiram:

- "1 - Quas as pessoas presas durante o transcorrer da Guerrilha do Araguaia, por a integrarem?
- 2 - Quais os seus destinos?
- 3 - Qual a identificação dos guerrilheiros mortos em combate?
- 4 - Onde se encontram seus corpos?
- 5 - Que documentos lhes confirmam as mortes?"

Até hoje não há resposta. A Caravana dos familiares dos mortos e desaparecidos no Araguaia, através da colheita de informações diretamente entre os camponeses da região onde se desenvolveu a luta armada - testemunhas vivas -, levantou elementos extraordinários para a elucidação, ou melhor, para um mais arrimado questionamento, que toda a Nação faz.

Por que tanta violência? Por que tanto espezinamento dos mais elementares direitos da pessoa humana? Por que manter-se toda uma população no mais absoluto terror? Por que tanta odiosidade? Por que sonegar túmulos?

Mas de tantas interrogações, uma deixou-nos varados de angústia. Onde estão os que foram presos, vivos? Dina, Áurea, Daniel, Rosinha, Lia, Nelito, Cristina, Josias, Duda, João do Araguaia, dezenas talvez, onde estão? Foram assassinados a seco?

SENHOR PRESIDENTE,

Servir de OBSERVADOR da ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL - Seção Pará da Caravana dos familiares dos mortos e desaparecidos na Guerrilha do Araguaia ao Sul do Pará durante pouco menos de 10 dias, foi mis-

são que a mim muito me honrou.

Creio que o justo apoio da ORDEM à Caravana foi um dos fatores essenciais para que se evitasse maiores provocações e a Caravana pudesse alcançar seus objetivos, demonstrando a pujança e o vigor da Instituição, incansável na defesa dos direitos inalienáveis da pessoa humana.

Comunico-lhe, outrossim, que em meio à viagem, meus serviços profissionais foram contratados pelos familiares, servindo-lhes imediatamente como mediador no contacto com os lavradores, por estar ambientado na região.

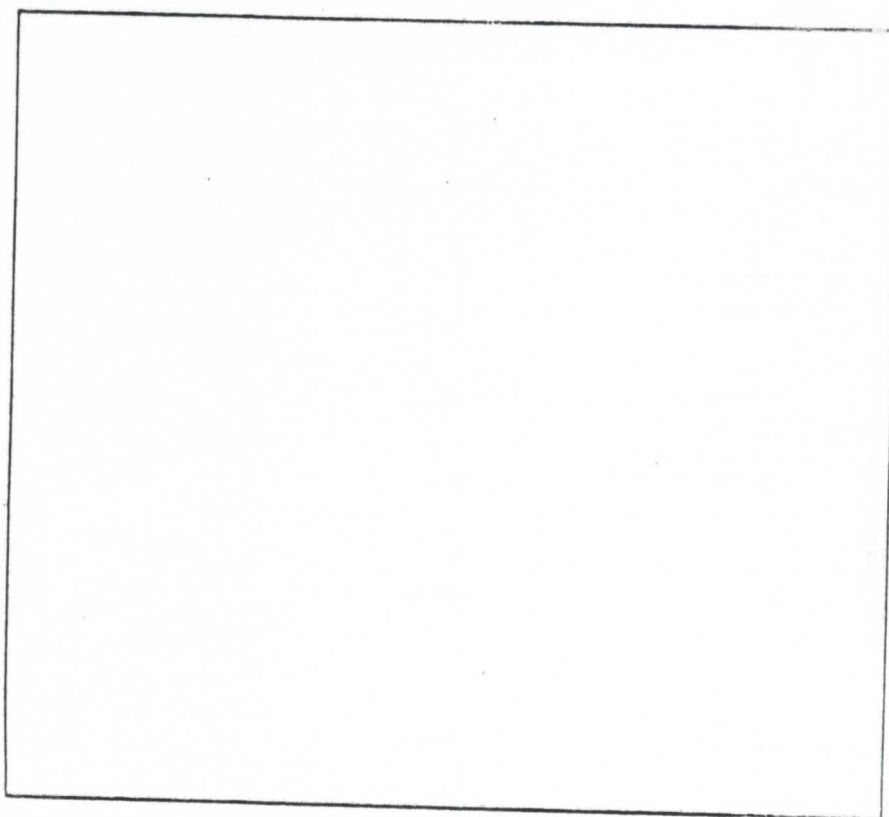
Ainda, que sempre que houve possibilidades a viagem foi devidamente documentada com fotos e gravações, que estão à disposição da ORDEM.

É o que tenho a oferecer,

Belém (PA), 15 de janeiro de 1981.

Paulo Cesar Fonteles de Lima

OAB-PA B. 75



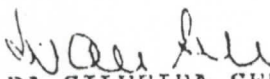
Aviso nº 0021 /ZEM

Em 05 de fevereiro de 1943.

Senhor Ministro,

Atendendo à solicitação feita por V.Exã, encaminho as relações em anexo, com os dados obtidos nos arquivos deste Ministério.

Atenciosamente,


IVAN DA SILVEIRA SERPA
Ministro da Marinha

A Sua Excelência o Senhor
NAURÍCIO JOSÉ CORRÊA
Ministro da Justiça
Esplanada dos Ministérios, Bloco "C",
70001-900 - Brasília, DF.

10000000

- NOV/74, relacionado entre os que estiveram ligados à tentativa de implantação de guerrilha rural, levada a efeito pelo comitê central do PC do B, em Xambioá. Morto em MAR 74.

LUIZ BENE SILVEIRA E SILVA

- SET/73, foi deslocado para o "Campo" durante a guerrilha rural/PC do B.

- MAR/74, foi morto em combate, em Xambioá.

LUIZA AUGUSTA CARLIPE

- NOV/74, relacionada entre os que estiveram ligados à tentativa de implantação de guerrilha rural, levada a efeito pelo comitê central do PC do B, em Xambioá. Morto em JUN 74.

MANUEL JOSE KURCHIS

- JUN/68, foi preso quando distribuía panfletos subversivos em São Paulo/SP. (Jornal O Globo);

- OUT/72, membro do PC do B, morto em combate em Xambioá (MA).

MARCO ANTONIO DIAS BATISTA

- NOV/68, líder secundarista quando preso e desaparecido em 1970.

MARCIO DECI MACHADO

- OUT/68, preso por participar de reunião estudantil proibida por lei.

- NOV/71, figurou numa relação de cursador em terrorismo e sabotagem.

- OUT/72, denunciado pelo Promotor da 2ª Auditoria de Guerra, como membro da organização clandestina HOLIFÓ (Movimento de Libertação Nacional), que no dia 16. NOV/71, incendiou um ônibus e fez disparos de metralhadora contra um cabo da PM, causando-lhe a morte.

- MAI/73, foi morto em Goiás, em tiroteio, durante ação de segurança.

CONFIDENCIAL

Carla J. ...

DADOS EXISTENTES NO CENTRO DE INTELIGÊNCIA DO EXÉRCITO (CIE)
SOBRE OS 144 (CENTO E QUARENTA E QUATRO) DESAPARECIDOS POLÍTICOS

ADRIANO FONSECA FERNANDES FILHO

Filho de Adriano Fonseca e de Zeiy Eustáquio Fonseca, nascido no dia 18 Dez 45, em FONTE ALTA/MG.

Militante do PC do B, utilizava-se dos codinomes "ALBERTO", "CHICO", "FELIPE", "LOLA" e "QUEIXADA", participando ativamente da guerrilha do Araguaia.

Consta que teria morrido em combate com as forças de segurança na guerrilha do Araguaia, onde atuava no Destacamento "C".

ALUISIO FALHANO PEDREIRA FERREIRA

Filho de João Alves Pedreira Ferreira e de Henise Falhano Pedreira Ferreira, nascido no dia 05 Set 22, em SÃO PAULO/SP. Advogado, militante da VPR/VAR-F, realizou curso de guerrilha em CUBA.

Possuía o nome falso de MILTON VANNI CARVALHAL, além dos codinomes "AQUILES", "AURÉLIO", "JOAQUIM" e "RAMIRO".

ANA ROSA KUCINSKI SILVA

Filha de Majer Kucinski e de Ester Kucinski, nascida no dia 18 Jan 42, em SÃO PAULO/SP.

Militante da ALN, utilizava-se do codinome "TEREZA".

Bacharel em Química, ex-funcionária do Instituto de Química da Universidade de São Paulo (USP), doutora em Filosofia e casada com WILSON SILVA.

Segundo reportagem veiculada pela Revista "Isto é" de 29 Mar 78, a nominada teria desaparecido em 22 Abr 74, juntamente com seu esposo, fato sobre o qual não existe qualquer registro oficial.

ANDRÉ GRABOIS

Filho de Maurício Grabois e de Alzira Costa Reis, nascido em 03 Ago 47, no RIO DE JANEIRO/RJ.

Cursou a Escola Militar de PEQUIM/CHINA.

Possuía os nomes falsos de JOSÉ CARLOS FERREIRA e JOSÉ VIEIRA DA SILVA JÚNIOR, além dos codinomes de "ZÉ CARLOS" e "ZECA".

ANTONIO DOS TRÊS REIS DE OLIVEIRA

Filho de Argem de Oliveira e de Gláucia Mano Abadia Oliveira, nascido no dia 19 Nov 48, em TIROS/MG.

Militante da VPR/VAR-F, utilizava-se dos codinomes "AGEU", "ELOI" e "ZECA".

Consta que teria sido morto em tiroteio durante estouro de um aparelho em que se encontrava em SÃO PAULO/SP.

Seu Atestado de óbito foi localizado pelo advogado LUIS EDUARDO GREENHALGH, quando revia o processo nº 100/72 na 2ª Auditoria do Exército, o qual teria sido enterrado no cemitério de Vila Formosa, em SÃO PAULO/SP, segundo reportagem do Jornal de Brasília, em sua edição do dia 30 Jun 81.

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

Guimarães

18

LÚCIO FETIT DA SILVA

Filho de José Bernardino da Silva Júnior e de Julieta Fetit da Silva, sem data e local de nascimento.

Engenheiro, militante do PC do B, em 1970 foi deslocado para a região do Araguaia, onde utilizava os codinomes "ZETO" e "ROBERTO".

É considerado desaparecido desde 22 Nov 73, quando teria travado tiroteio com uma patrulha do Exército.

LUIZ RENÉ SILVEIRA E SILVA

Filho de René de Oliveira e Silva e de Lolita Silveira e Silveira, nascido em 15 Jul 51, no RIO DE JANEIRO/RJ.

Militante do PC do B, participou ativamente da guerrilha do Araguaia em 1971, onde integrava o Destacamento "A", utilizando-se dos codinomes "PEDRO" e "DUBÁ".

LUIZA AUGUSTA GARLIPPE

Filha de Armando Garlippe e de Durvalina Garlippe, sem data de nascimento e naturalidade.

Militante do PC do B, utilizava os codinomes "TUCA" e "DONA MARIA", integrando o destacamento da guarda do comando militar na guerrilha do Araguaia, sendo considerada desaparecida desde Mai 74.

MANUEL JOSÉ MURCHIS

Filho de José Francisco Murchis e de Rosalina Carvalho Murchis, nascido no dia 19 Dez 40, em SÃO PAULO/SP.

Militante do PC do B, utilizava os codinomes "GIL", "GILBERTO" e "GUILHERME", tendo também realizado o curso de guerrilha na Escola Militar de PEQUIM/CHINA. Atuou na guerrilha do Araguaia.

MARCO ANTONIO DIAS BATISTA

Não possui registros.

MÁRCIO BECK MACHADO

Filho de Flávio Menezes Machado e de Edna Beck Machado, nascido no dia 16 Jan 43, em SÃO PAULO/SP.

Militante da ALN, utilizava-se dos codinomes "LUIZ", "RAIMUNDO", "GERALDO", "TIAGO" e "BIGODE".

Foi preso no dia 30 Set 69. Entretanto, três elementos que faziam sua cobertura, dispararam contra seus captores, atingindo mortalmente o agente DPF CLÁUDIO ERNESTO CANTON. Beneficiando-se do fato, o nominado evadiu-se do local.

Em 04 Nov 69, participou do sequestro de um avião da VARIG para CUBA, onde fez curso de guerrilha em 1970.

Nos anos de 1971 e 72, encontrava-se em SÃO PAULO/SP, onde participou de várias ações armadas.

Consta, conforme noticiário da imprensa, que teria sido morto em tiroteio juntamente com MARIA AUGUSTA THOMAZ numa fazenda em RIO VERDE/GO, no dia 17 Mai 73. Nesta época, integrava o Movimento de Libertação Popular (HOLIPO).

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

30/37
últimos 18 anos e documentos de entidades de defesa dos direitos humanos, teria sido morto ou desaparecido no Araguaia. Não há dados que comprovem essa versão.

LIBERO GIANCARLO CASTIGLIA - Militante do PC do B e guerrilheiro no Araguaia. Segundo noticiário da imprensa nos últimos 18 anos e documentos de entidades de defesa dos direitos humanos, teria sido morto ou desaparecido no Araguaia. Não há dados que comprovem essa versão.

LUIS DE ALMEIDA ARAUJO - Dado como desaparecido por familiares, pela imprensa e por defensores dos direitos humanos. Não há dados que comprovem essa versão.

LUIS URICO TEJERA LISPOA - Dado como desaparecido por familiares, por diversas publicações na imprensa e por defensores dos direitos humanos. Não há dados que comprovem essa versão. Segundo a imprensa, seus restos mortais foram encontrados recentemente num cemitério em SÃO PAULO. Seu corpo foi encontrado sepultado no Cemitério de Perus, com o nome de NELSON BUENO. (FOLHA DE SÃO PAULO de 22 Ago 79).

LOURIVAL PAULINO - Militante do PC do B e guerrilheiro no Araguaia. Segundo noticiário da imprensa nos últimos 18 anos e documentos de entidades de defesa dos direitos humanos, teria sido morto ou desaparecido no Araguaia. Não há dados que comprovem essa versão.

LUIS INACIO MARANHÃO FILHO - Segundo nota do Exmo Ministro da Justiça publicada dia 07 Fev 75, pela imprensa, o mesmo "encontrava-se foragido e com mandado de prisão preventiva expedida em 1971, pela 2ª Auditoria da Marinha."

LUCIA MARIA DE SOUZA - Militante do PCdoB e guerrilheira no Araguaia. Segundo o noticiário de imprensa nos últimos 18 anos e documentos de entidades de defesa dos direitos humanos, teria sido morta ou desaparecido no Araguaia. Neste Orgão, não há dados que comprovem essa versão.

LOCIO PETIT DA SILVA - Militante do PC do B e guerrilheiro no Araguaia. Segundo noticiário da imprensa nos últimos 18 anos e documentos de entidades de defesa dos direitos humanos, teria sido morto ou desaparecido no Araguaia. Não há dados que comprovem essa versão.

LUIZ RENE SILVEIRA E SILVA - Militante do PC do B e guerrilheiro no Araguaia. Segundo noticiário da imprensa nos últimos 18 anos e documentos de entidades de defesa dos direitos humanos, teria sido morto ou desaparecido no Araguaia. Não há dados que comprovem essa versão.

LUIZA AUGUSTA GARLIPPE - Militante do PC do B e guerrilheira no Araguaia. Segundo noticiário da imprensa nos últimos 18 anos e documentos de entidades de defesa dos direitos humanos, teria sido morta ou desaparecido no Araguaia. Não há dados que comprovem essa versão.

MANUEL JOSE NURCHIS - Militante do PC do B e guerrilheiro no Araguaia. Segundo noticiário da imprensa nos últimos 18 anos e documentos de entidades de defesa dos direitos

CONFIDENCIAL

Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos
Políticos, Instituto de Estudo da Violência do Estado
IEVE

Grupo Tortura Nunca Mais - RJ e PE

**DOSSIÊ DOS MORTOS E
DESAPARECIDOS POLÍTICOS
PARTIR DE 1964**

CEPE - Companhia Editora de Pernambuco

Governo do Estado de Pernambuco

1995

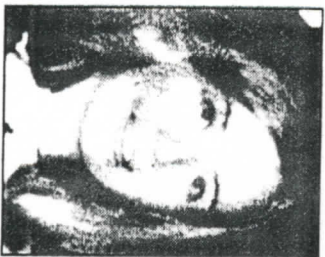
Em São Paulo, no dia 3 de abril de 1974, em uma praça, foi preso, fato testemunhado por diversas pessoas que tentaram socorrê-lo, pensando tratar-se de um assalto comum.

Algemado, foi conduzido em um veículo usado para transporte de presos.

Em maio de 1974, sua esposa denunciou que ele estava em São Paulo sendo torturado pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury, através de carta encaminhada ao MDB e lida na Câmara Federal pelo então Secretário-Geral do Partido, Deputado Thales Ramalho.

No dia 15 de maio de 1974 o *Jornal do Brasil* dizia que o vice-líder da ARENA na Câmara, deputado Garcia Neto, reafirmara a disposição do governo em verificar a procedência de prisões denunciadas freqüentemente pelo MDB. Garcia Neto assegurava que, tanto o presidente da República, quanto o ministro da Justiça, "estão empenhados em constatar a veracidade dos fatos". Chegou a dizer que "o Governo, de maneira alguma, pode ficar sem tomar providências". Providências estas que jamais foram tomadas.

Em 8 de abril de 1987, a revista *Isto É*, na matéria "Longe do Ponto Final", publica declarações do ex-médico e torturador Amílcar Lobo (cassado em 1989, pelo Conselho Federal de Medicina), que reconheceu Luís Inácio no DOI-COD/RI.



LUIZA AUGUSTA GARLIPPE

Militante do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (PC do B).

Desaparecida desde 1974 na Guerrilha do Araguaia quando tinha 33 anos.

Nasceu em Araraquara, Estado de São Paulo, em 16 de outubro de 1941, filha de Armando Garlippe e Durvalina Santomo Garlippe.

Fez o primário, o ginásial e o científico em Araraquara e mudou-se para a cidade de São Paulo onde fez o curso de Enfermagem na USP, formando-se em 1964. Em seguida, passou a trabalhar no Hospital das Clínicas, chegando a Enfermeira-Chefe do Departamento de Doenças Tropicais, assunto em que se especializou, fazendo inclusive algumas viagens pelo país como ao Amapá e Acre.

Participava da Associação dos Funcionários do Hospital das Clínicas, distribuindo panfletos e organizando seus colegas de trabalho.

Foi viver na região do Rio Gamaleira, no Araguaia, onde desenvolveu intenso trabalho de saúde, destacando-se como parteira.

Pertenceu ao Destacamento B da guerrilha.

Foi vista viva pela última vez por seus companheiros no dia 25 de maio de 1973, num acampamento, próximo à Serra das Andorinhas, antes de ser morto, fato registrado no Relatório do Ministério do Exército contra os mesmos.

O Relatório do Ministério do Exército diz que é "considerada desaparecida" e, o do Ministério da Marinha, que teria sido "morta em junho/74."

LUIZ RENÉ SILVEIRA E SILVA

Militante do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (PC do B).

Nascido a 15 de julho de 51, na cidade de São Paulo, filho de Renê de Oliveira e Silva e Maria de Oliveira e Silva.



Desaparecido da Guerrilha do Araguaia em 1974, cursou o primário e o secundário na Escola Municipal de São Paulo. Em 1970, ingressou na Escola de Cirurgia do Rio de Janeiro, abandonando o curso em 1971.

Em 1972, mudou-se para Araguaia, onde trabalhou em uma oficina de reparação de veículos. Foi visto vivo pela última vez em 1973, em um acampamento, antes de ser morto. Foi visto vivo pela última vez por seus companheiros no dia 25 de maio de 1973, num acampamento, próximo à Serra das Andorinhas, antes de ser morto, fato registrado no Relatório do Ministério do Exército contra os mesmos.

O Relatório do Ministério da Marinha, que teria sido "morta em junho/74."

Segundo informações colhidas por Cirene Barroso, mãe de Luiz René Silveira e Silva, ele foi visto vivo em 1973, em um acampamento, antes de ser morto. Foi visto vivo pela última vez por seus companheiros no dia 25 de maio de 1973, num acampamento, próximo à Serra das Andorinhas, antes de ser morto, fato registrado no Relatório do Ministério do Exército contra os mesmos.

O Relatório do Ministério da Marinha à Comissão diz que "Luiz René Silveira e Silva foi visto vivo em 1973, em um acampamento, antes de ser morto. Foi visto vivo pela última vez por seus companheiros no dia 25 de maio de 1973, num acampamento, próximo à Serra das Andorinhas, antes de ser morto, fato registrado no Relatório do Ministério do Exército contra os mesmos."

LUIZ VIEIRA DE ALMEIDA (LUIZINHO)

Camponês que se incorporou à guerrilha do Araguaia. Casado e com dois filhos. Foi visto vivo pela última vez em 1973, em um acampamento, antes de ser morto. Foi visto vivo pela última vez por seus companheiros no dia 25 de maio de 1973, num acampamento, próximo à Serra das Andorinhas, antes de ser morto, fato registrado no Relatório do Ministério do Exército contra os mesmos.



Diário Oficial

REPÚBLICA
FEDERATIVA
DO BRASIL

IMPRENSA NACIONAL

BRASÍLIA - DF

ANO CXXXIII — Nº 232

TERÇA-FEIRA, 5 DE DEZEMBRO DE 1995

PREÇO: R\$ 0,29

Sumário

	PÁGINA
ATOS DO PODER LEGISLATIVO	19985
ATOS DO PODER EXECUTIVO	19988
PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA	19990
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA	19991
MINISTÉRIO DA MARINHA	19991
MINISTÉRIO DO EXÉRCITO	19992
MINISTÉRIO DA FAZENDA	19993
MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES	19998
MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, DO ABASTECIMENTO E DA REFORMA RURAL	19998
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE	20000
MINISTÉRIO DO TRABALHO	20004
MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL	20005
MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA	20009
MINISTÉRIO DA SAÚDE	20010
MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, DO COMÉRCIO E DO TURISMO	20021
MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA	20023
MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO	20024
MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES	20025
MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO FEDERAL E REFORMA DO ESTADO	20026
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA	20032
MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE DOS RECURSOS HÍDRICOS E DA AMAZÔNIA LEGAL	20027
ENTIDADES DE FISCALIZAÇÃO DO EXERCÍCIO DAS PROFISSÕES LIBERAIS	20030
PODER JUDICIÁRIO	20032
ÍNDICE	20035

condição, poderão requerer a oficial de registro civil das pessoas naturais de seu domicílio a lavratura do assento de óbito, instruído o pedido com original ou cópia de publicação desta Lei e de seus anexos.

Parágrafo único. Em caso de dúvida, será admitida justificação judicial.

Art. 4º Fica criada Comissão Especial que, face à situação política mencionada no art. 1º e, em conformidade com este, tem as seguintes atribuições:

I - proceder ao reconhecimento de pessoas:

a) desaparecidas, não relacionadas no Anexo I desta Lei;

b) que, por terem participado, ou por terem sido acusadas de participação, em atividades políticas, no período de 2 de setembro de 1961 a 15 de agosto de 1979, tenham falecido, por causas não naturais, em dependências policiais ou assemelhadas;

II - enviar esforços para a localização dos corpos de pessoas desaparecidas no caso de existência de indícios quanto ao local em que possam estar depositadas;

III - emitir parecer sobre os requerimentos relativos a indenização que venham a ser formulados pelas pessoas mencionadas no art. 10 desta Lei.

Art. 5º A Comissão Especial será composta por sete membros, de livre escolha e designação do Presidente da República, que indicará, dentre eles, quem irá presidir a, com voto de qualidade.

§ 1º Dos sete membros da Comissão, quatro serão escolhidos:

I - dentre os membros da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados;

II - dentre as pessoas com vínculo com os familiares das pessoas referidas na lista constante do Anexo I;

III - dentre os membros do Ministério Público Federal; e

IV - dentre os integrantes das Forças Armadas.

§ 2º A Comissão Especial poderá ser auxiliada por funcionários públicos federais, designados pelo Presidente da República, podendo, ainda, solicitar o auxílio das Secretarias de Justiça dos Estados, mediante convênio com o Ministério da Justiça, se necessário.

Art. 6º A Comissão Especial funcionará junto ao Ministério da Justiça, que lhe dará o apoio necessário.

Art. 7º Para fins de reconhecimento de pessoas desaparecidas não relacionadas no Anexo I desta Lei, os requerimentos, por qualquer das pessoas mencionadas no art. 3º, serão apresentados perante a Comissão Especial, no prazo de cento e vinte dias, contado a partir da data da publicação desta Lei, e serão instruídos com informações e documentos que possam comprovar a pretensão.

§ 1º Idêntico procedimento deverá ser observado nos casos baseados no alínea b do inciso I do art. 4º.

§ 2º Os deferimentos, pela Comissão Especial, dos pedidos de reconhecimento de pessoas não mencionadas no Anexo I desta Lei instruído os pedidos de assento de óbito de que trata o art. 3º, contado o prazo de cento e vinte dias, a partir da ciência da decisão deferitória.

Art. 8º A Comissão Especial, no prazo de cento e vinte dias de sua instalação, mediante solitação expressa de qualquer das pessoas mencionadas no art. 3º, e concluído pela existência de indícios suficientes, poderá diligenciar no sentido da localização dos restos mortais do desaparecido.

Art. 9º Para os fins previstos nos arts. 4º e 7º, a Comissão Especial poderá solicitar:

I - documentos de qualquer órgão público;

II - a realização de perícias;

III - a colaboração de testemunhas;

IV - a intermediação do Ministério das Relações Exteriores para a obtenção de informações junto a governos e a entidades estrangeiras.

Art. 10. A indenização prevista nesta Lei é deferida às pessoas abaixo indicadas, na seguinte ordem:

I - ao cônjuge;

II - ao companheiro ou companheira definidos pela Lei nº 8.971, de 29 de dezembro de 1994;

III - aos dependentes;

Atos do Poder Legislativo

LEI Nº 9.149, DE 4 DE DEZEMBRO DE 1995.

Reconhece como mortas pessoas desaparecidas em razão de participação, ou acusação de participação, em atividades políticas, no período de 2 de setembro de 1961 a 15 de agosto de 1979, e dá outras providências.

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Fico sabendo que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte

Art. 1º São reconhecidas como mortas, para todos os efeitos legais, as pessoas mencionadas no Anexo I desta Lei, por terem participado, ou terem sido acusadas de participação, em atividades políticas, no período de 2 de setembro de 1961 a 15 de agosto de 1979, e que, por qualquer das razões mencionadas por agentes públicos, achando-se, desde então, desaparecidas, independentemente de sua localização.

Art. 2º A aplicação das disposições desta Lei e todos os seus efeitos orientar-se-ão no prazo que, para a publicação e de publicação nacional, expresso na Lei nº 6.683, de 28 de maio de 1979, e de Brasília.

Art. 3º O cônjuge, o companheiro ou a companheira, descendente, ascendente, ou natural do quarto grau, das pessoas mencionadas na lista referida no art. 1º, comprovando essa

28. Doraiza Santana Cogoletto, brasileira, casada, nascida em 22 de março de 1949 em Vitória da Conquista-BA, filha de Antônio Ferreira de Santana e Junitilla Souza Santana. (1973)
29. Doraiza Oliveira Ferreira, brasileira, casada, nascida em 16 de maio de 1945 em Castro Alves-BA, filha de Viriato Augusto Oliveira e Elza Conceição Bastos. (1973)
30. Edivaldo Pereira de Souza, brasileiro, solteiro, nascido em 12 de setembro de 1942 em Caldas Novas-GO (registrado em Mossamedes-GO) filho de José Ferreira de Souza e Maria Góes de Souza. (1973)
31. Edivalino de Souza, brasileiro, filho de José Pinfrim de Souza. (1973)
32. Edgar de Aquino Duarte, brasileiro, solteiro, nascido em 28 de fevereiro de 1941 em Bom Jardim-PE, filho de José Geraldo Duarte e Maria Francisca Duarte. (1973)
33. Edmar Péricles Camargo, brasileiro, solteiro, nascido em 4 de setembro de 1914 em São Paulo-SP, filho de Tomás Benedito Oliveira Camargo e Maria da Penha Amaral Villeça. (1975)
34. Eduardo Collier Filho, brasileiro, solteiro, nascido em 5 de dezembro de 1948 em Recife-PE, filho de Eduardo Collier e Rizeleia Meira. (1974)
35. Eleni Telles Pereira Quaresima, brasileira, casada, nascida em 13 de março de 1941 em Heliópolis-SP, filha de Isaac Ferreira Caetano e Pascoalina Alves Ferreira. (1971)
36. Elmo Corrêa, brasileiro, solteiro, nascido em 16 de abril de 1946 no Rio de Janeiro-RJ, filho de Edgar Correa e Irene Guedes Correa. (1974)
37. Elton Costa, brasileiro, casado, nascido em 26 de agosto de 1913 em Praia-MO, filho de João Soares da Costa e Maria Novais Costa. (1975)
38. Enrique Ernesto Ruggia, argentino, nascido em 25 de julho de 1955 em Corrientes/ARG., filho de Alfin Carlos Ruggia e Ana Violeta Bambula Ruggia. (1974)
39. Erquias Bezerra de Rocha, brasileiro, casado, nascido em 24 de dezembro de 1944 em João Pessoa-PB, filho de Simplício Bezerra da Rocha e Antonia Bulhões Bezerra. (1972)
40. Félix Escobar Sobrinho, brasileiro, nascido em 23 de março de 1923 em Mucacema-RJ, filho de José Escobar Sobrinho e Euníci Gomes Escobar. (1971)
41. Fernando Augusto Santa Cruz Oliveira, brasileiro, casado, nascido em 20 de fevereiro de 1948 em Recife-PE, filho de Lincoln de Santa Cruz Oliveira e Glizila Santos de Santa Cruz Oliveira. (1974)
42. Francisco Manoel Chaves (ou José Praxède Chaves), brasileiro, morreu na região de Casarico. (1972)
43. Gilberto Olimpio Maria, brasileiro, casado, nascido em 11 de março de 1942 em Mirassol-SP, filho de Antonio Olimpio Maria e Rosa Cabello Maria. (1973)
44. Guilherme Gomes Lund, brasileiro, solteiro, nascido em 11 de julho de 1947 no Rio de Janeiro-RJ, filho de João Carlos Lund e Julia Gomes Lund. (1973)
45. Helena Rezende de Souza Nazareth, brasileira, solteira, nascida em 19 de janeiro de 1944 em Caruaru-PE, filha de Aulherio de Aguiar Nazareth e Buihalla Rezende de Souza Nazareth. (1972)
46. Hélio Luiz Navarro de Magalhães, brasileiro, solteiro, nascido em 23 de novembro de 1949 no Rio de Janeiro-RJ, filho de Gerson Meneses Magalhães e Carmem Navarro de Magalhães. (1974)
47. Hiran de Lima Pereira, brasileiro, casado, nascido em 3 de outubro de 1913 em Calced-RN, filho de Hilário Antônio Pereira e Maria Maria de Lima Pereira. (1975)
48. Honestinho Monteiro Guimarães, brasileiro, casado, nascido em 28 de março de 1947 em Igaratá-GO, filho de Benedito Guimarães e Maria Rosa Leite Guimarães. (1973)
49. Humberto Albuquerque Câmara Neto, brasileiro, solteiro, nascido em 28 de maio de 1947 em Campina Grande-PB, filho de Roberto Alves Câmara e Mariene de Sá Leite Câmara. (1973)
50. Inalton Soares Aranha Filho, brasileiro, casado, nascido em 27 de agosto de 1947 em Ribim-MS, filho de Inalton Soares Aranha e Amíntias Rodrigues Pereira. (1972)
51. Ieda Santos Delgado, brasileira, solteira, nascida em 9 de julho de 1945 no Rio de Janeiro-RJ, filha de Edson Arthur Delgado e Eunice Santos Delgado. (1974)
52. Ieda Dias de Oliveira, brasileira, casada, nascida em 29 de agosto de 1941 em São Paulo-SP, filha de Edmundo Dias de Oliveira e Felícia Marilene de Oliveira. (1972)
53. Isami Nakamura Okano, brasileiro, nascido em 23 de novembro de 1945 em Cravinhos-SP, filho de Heidei Okano e Sadac Nakamura. (1974)
54. Iair José Veloso, brasileiro, casado, nascido em 10 de junho de 1930 em Minas Gerais, filho de Sebastião Veloso e Zulmira Veloso. (1975)
55. Ivan Mota Dias, brasileiro, solteiro, nascido em 29 de outubro de 1942 em Passa Quatro-MG, filho de Lucas de Souza Dias e Nair Mota Dias. (1971)
56. Jaime Amorim Miranda, brasileiro, casado, nascido em 18 de julho de 1926 em Macelê-AL, filho de Manoel Simplício de Miranda e Hermé Amorim de Miranda. (1973)
57. Jaime Petit da Silva, brasileiro, casado, nascido em 18 de junho de 1945 em Jacuiza-SP, filho de José Bernardino da Silva e Julieta Petit da Silva. (1973)
58. Jana Mironi Barros, brasileira, solteira, nascida em 10 de junho de 1948 em Fortaleza-CE, filha de Benigno Góes Barros e Cirene Mironi Barros. (1974)
59. João Almeida Dias, brasileiro, nascido em 23 de junho de 1932 em Sapé-PI, filho de Alfredo Ulisses Gonçalves e Amélia Gonzalo Dias, sapateiro e trabalhador do campo. (1964)
60. João Batista Rita, brasileiro, casado, nascido em 24 de junho de 1948 em Itirapina-SP, filho de Ciriliano Miguel Rita e Nancy Pereira Rita. (1971)
61. João Carlos Haas Sobrinho, brasileiro, nascido em 25 de junho de 1941 em São Leopoldo-RS, filho de Ideltonso Haas e Hina Haas. (1972)
62. João Guarneto Calabrone, brasileiro, nascido em 7 de janeiro de 1951 em Nova Venécia-ES, filho de Cláudio Calabrone e Gisela Calabrone. (1974)
63. João Leonardo da Silva Rocha, brasileiro, nascido em Salvador-BA, filho de Mario Rocha e Maria Natália da Silva Rocha. (1974)
64. João Mayena Melo, brasileiro, casado, nascido em 18 de agosto de 1919 em Palmara-PE, filho de Sebastião Mexiana Melo e Olimpia Melo Maciel. (1974)
65. Joaquim Pires Cerveira, brasileiro, casado, nascido em 14 de dezembro de 1923, em Santa Maria-RS, filho de Marcelo Pires e Auricela Clouart Cerveira. (1973)
66. Joel José de Carvalho, brasileiro, solteiro, nascido em 13 de julho de 1918 em Mjuriat-MG, filho de Ely José de Carvalho e Esther José de Carvalho. (1974)
67. Joel Vasconcelos Santos, brasileiro, solteiro, nascido em 9 de agosto de 1949 em Nazaré-BA, filho de João Vicente Vasconcelos Santos e Elza Joana dos Santos. (1973)
68. Jorge Leal Gonçalves Pereira, brasileiro, nascido em 25 de dezembro de 1938 em Salvador-BA, filho de Eneas Gonçalves Pereira e Rosa Leal Gonçalves Pereira. (1970)
69. Jorge Oscar Adur, (padre) argentino, nascido em Noguy, província de Entreíos. (1978)
70. José Huberto Bronca, brasileiro, nascido em 8 de setembro de 1934 em Porto Alegre-RS, filho de Huberto Aico Bronca e Emelinda Marafiero Bronca. (1974)
71. José Lavechia, brasileiro, nascido em 25 de maio de 1919 em São Paulo-SP, filho de Leo Lavechia e Felicia Mateus Lavechia. (1974)
72. José Lima Piahy Dourado, brasileiro, nascido em 24 de março de 1946 em Bauré-BA, filho de Pedro Piahy Dourado e Anita Lívia Piahy Dourado. (1974)
73. José Maria Ferreira Araújo, brasileiro, casado, nascido em 6 de junho de 1941 no Ceará, filho de José Alexandre de Araújo e Maria da Conceição Ferreira de Araújo. (1970)
74. José Maurício Patrício, brasileiro, nascido em 1943 em Santa Tereza-ES, filho de Joaquim Patrício e Issara de Souza Patrício. (1974)
75. José Montenegro de Lima, brasileiro, solteiro, nascido em 1948 no Ceará. (1975)
76. José Pinfrim de Souza, brasileiro, casado, nascido em 27 de julho de 1912 em Pedro Afonso-GO. (1973)
77. José Roman, brasileiro, nascido em 4 de outubro de 1926 em São Paulo-SP. (1974)
78. José Toledo de Oliveira, brasileiro, nascido em 17 de julho de 1941 em Uberlândia-MG, filho de José Sebastião de Oliveira e Adelaide de Toledo de Oliveira. (1972)
79. Kleber Lemos da Silva, brasileiro, nascido em 21 de maio de 1942 no Rio de Janeiro-RJ, filho de Norival Euphrosino da Silva e Karitza Lemos da Silva. (1972)
80. Líbero Giancarlo Castiglia, italiano, nascido em 4 de julho de 1944 em Corenza, filho de Luigi Castiglia e Elena Gilbertini Castiglia. (1973)
81. Lourival de Moura Paulino, brasileiro, nascido em Xambú-PA, filho de Joaquim Moura Casimiro e Jardilina Santos Moura. (1974)
82. Lucia Maria de Souza, brasileira, solteira, nascida em 22 de junho de 1944 em São Gonçalo-RJ, filha de José Augusto de Souza e Jovina Ferreira. (1973)
83. Lucio Petit da Silva, brasileiro, nascido em 1º de dezembro de 1941 em Piratininga-SP, filho de José Bernardino da Silva Júnior e Julieta Petit da Silva. (1973)
84. Luis Berton Teixeira Lisboa, brasileiro, casado, nascido em 29 de janeiro de 1948 em Porto União-SC, filho de Eurico Siqueira Lisboa e Cláudia Tejera Lisboa. (1972)
85. Luís Inácio Maranhão Filho, brasileiro, casado, nascido em 25 de janeiro de 1921 em Natal-RN, filho de Luís Inácio Maranhão e Maria Salme Maranhão. (1974)
86. Luiz Almeida Araújo, brasileiro, nascido em 27 de agosto de 1943 em Anadia-AL, filho de João Rodrigues de Araújo e Maria José Mendes de Almeida. (1971)
87. Luiz René Silveira e Silva, brasileiro, solteiro, nascido em 15 de julho de 1951 no Rio de Janeiro-RJ, filho de René de Oliveira e Silva e Lúcia Silveira e Silva. (1974)
88. Luiz Vieira de Almeida, brasileiro, casado, com um filho, morava em Bocaba. (1973)
89. Luiza Augusta Carlippe, brasileira, solteira, nascida em 16 de outubro de 1941 em Araruama-SP, filha de Armando Carlippe e Durvalina Santouso. (1974)
90. Manoel Alexandrino, brasileiro, nascido na Paraíba, morava no Engenho de Marad. (1974)
91. Manoel José Nurchis, brasileiro, nascido em 19 de dezembro de 1940 em São Paulo-SP, filho de José Francisco Nurchis e Rosalina Carvalho Nurchis. (1972)
92. Márcio Beck Machado, brasileiro, nascido em 14 de dezembro de 1943 em São Paulo-SP, filho de Otávio Menezes Machado e Edna Beck Machado. (1973)
93. Maria Antônio Dias Batista, brasileiro, solteiro, nascido em 7 de agosto de 1954 em Sorocaba-SP, filho de Waldomiro Dias Batista e Maria de Campos Batista. (1970)
94. Mírcios José de Lima, brasileiro, nascido no Espírito Santo, ferreiro. (1973)
95. Maria Augusta Thomaz, brasileira, solteira, nascida em 14 de novembro de 1947 em Leme-SP, filha de Aniz Thomaz e Olga Michael Thomaz. (1973)
96. Maria Célia Corrêa, brasileira, nascida em 30 de abril de 1945 no Rio de Janeiro-RJ, filha de Adger Corrêa e Irene Corrêa. (1974)
97. Maria Lúcia Petit da Silva, brasileira, solteira, nascida em 20 de março de 1950 em Agudos-SP, filha de José Bernardino da Silva Júnior e Julieta Petit da Silva. (1972)
98. Mpriano Joaquim da Silva, brasileiro, casado, nascido em 2 de maio de 1930 em Tumbalá-PE, filho de Antônio Joaquim da Silva e Maria Joana Conceição. (1970)
99. Mário Alves de Souza Vieira, brasileiro, casado, nascido em 14 de fevereiro de 1923 em Santa Fé-BA, filho de Romualdo Leal Vieira e Julieta Alves de Souza Vieira. (1970)
100. Maurício Grabois, brasileiro, casado, nascido em 2 de outubro de 1912 em Salvador-BA, filho de Agostin Grabois e Dora Grabois. (1973)

- IV - em acidentes;
- V - em colaterais, até o quarto grau.

§ 1º O pedido de indenização poderá ser formulado até cento e vinte dias a contar da publicação desta Lei. No caso de reconhecimento pela Comissão Especial, o prazo se conta da data do reconhecimento.

§ 2º Havendo acordo entre as pessoas nominadas no caput deste artigo, a indenização poderá ser requerida independentemente da ordem nele prevista.

§ 3º Reconhecida a morte, nos termos da alínea b do inciso I do art. 4º, poderão as pessoas mencionadas no caput, na mesma ordem e condições, requerer à Comissão Especial a indenização.

Art. 11 A indenização, a título reparatório, consistirá no pagamento de valor único igual a R\$ 1.000.000 (um milhão de reais) multiplicado pelo número de anos correspondentes à expectativa de sobrevivência do desaparecido, levando-se em consideração a idade à época do desaparecimento e os critérios e valores traduzidos na tabela constante do Anexo II desta Lei.

§ 1º Em nenhuma hipótese o valor da indenização será inferior a R\$ 100.000,00 (cem mil reais).

§ 2º A indenização será concedida mediante decreto do Presidente da República, após parecer favorável da Comissão Especial criada por esta Lei.

Art. 12 No caso de localização, com vida, de pessoa desaparecida, ou de existência de provas contrárias às apresentadas, serão revogados os respectivos atos decorrentes da aplicação desta Lei, não cabendo ação regressiva para o ressarcimento do pagamento já efetuado, salvo na hipótese de comprovada má-fé.

Art. 13 Finda a apreciação dos requerimentos, a Comissão Especial elaborará relatório circunstanciado, que encaminhará, para publicação, ao Presidente da República, e encerrará seus trabalhos.

Parágrafo único Enquanto durarem seus trabalhos, a Comissão Especial deverá apresentar trimestralmente relatórios de avaliação.

Art. 14 Nas ações judiciais indenizatórias fundadas em fatos decorrentes da situação política mencionada no art. 1º, os recursos das sentenças condenatórias serão recebidos somente no efeito devolutivo.

Art. 15 As despesas decorrentes da aplicação desta Lei correrão à conta de dotações consignadas no orçamento da União pela Lei Orçamentária.

Art. 16 Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 4 de dezembro de 1995; 174ª da Independência e 107ª da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
Nelson A. Jobim

ANEXO I

I - Nomes de Pessoas Desaparecidas (com a época do desaparecimento)

- 1 - Adriano Fonseca Filho, brasileiro, solteiro, nascido em 18 de dezembro de 1945 em Ponte Nova, Minas Gerais, filho de Adriano Fonseca e Zely Bustaquio Fonseca. (1973)
- 2 - Aluísio Pathano Pedreira Ferreira, brasileiro, casado, nascido em 5 de setembro de 1922 em Pirajul, filho de Henrique Pathano Pedreira Ferreira e Henrie Pathano Pedreira Ferreira. (1971)
- 3 - Ana Rosa Kucinaki Silva, brasileira, casada, nascida em 12 de janeiro de 1942 em São Paulo-SP, filha de Majer Kucinaki e Ester Kucinaki (1974)

- 4 - André Girabois, brasileiro, nascido a 3 de julho de 1946 no Rio de Janeiro-RJ, filho de Maurício Girabois e Alzira da Costa Reis. (1973)
- 5 - Antonio Alfredo Campos, brasileiro, casado. (1973)
- 6 - Antônio Carlos Muniz Teixeira, brasileiro, casado, nascido a 22 de agosto de 1944 em Itiúba-BA, filho de Gesaori da Silva Teixeira e Maria Luiza Monteiro Teixeira. (1972)
- 7 - Antonio da Padua Costa, brasileiro, solteiro, nascido a 12 de junho de 1943 no Piauí, filho de João Lino da Costa e Maria Jardilina da Costa. (1974)
- 8 - Antonio dos Três Reis de Oliveira, brasileiro, solteiro, nascido em 19 de novembro de 1948 em Tiroso-MG, filho de Argem de Oliveira e Olíucia Maria de Oliveira. (1970)
- 9 - Antonio Cláudio Ribeiro Ribas, brasileiro, solteiro, nascido a 20 de setembro de 1948 em São Paulo-SP, filho de Walter Plínio Ribas e Benedita de Araújo Ribas. (1971)
- 10 - Antônio Joaquim de Souza Machado, brasileiro, solteiro, nascido em 13 de setembro de 1939 em Papagaias-MG, filho de Joaquim Maria de Souza Machado e Maria de Oliveira Camargo, morador no Rio de Janeiro. (1971)
- 11 - Antonio Tendoro de Castro, brasileiro, solteiro, nascido a 12 de abril de 1945 em Itapipema-CE, filho de Raimundo de Castro Sobrinho e Benedita Plínio de Castro. (1971)
- 12 - Arildo Valadão, brasileiro, casado, nascido a 28 de dezembro de 1948 em Itacil-ES, filho de Alívio Valadão de Andrade e Helena Almocheide Valadão. (1971)
- 13 - Armando Teixeira Prutuoso, brasileiro, casado, nascido em 20 de maio de 1921 na cidade do Rio de Janeiro-RJ, filho de Aníbal Teixeira Prutuoso e Maria da Glória Prutuoso. (1975)
- 14 - Aucea Eliza Pereira, brasileira, casada, nascida em 6 de abril de 1950 em Monte Belo-MG, filha de José Pereira e Odília Mendes Pereira. (1974)
- 15 - Aylton Adalberto Mortali, brasileiro, solteiro, nascido em 11 de janeiro de 1946 em Carandua-SP, filho de Umberto Mortali e Carmen Sobrinho Martins. (1971)
- 16 - Bergson Curjão Parias, brasileiro, solteiro, nascido em 17 de maio de 1947 em Fortaleza-CE, filho de Gessiner Parias e Luiza Curjão Parias. (1972)
- 17 - Caluby Alves de Castro, brasileiro, nascido em 16 de agosto de 1928, filho de Mariano Alves de Castro e Leopoldina Ribeiro de Castro. (1971)
- 18 - Carlos Alberto Soares de Freitas, brasileiro, solteiro, nascido em 12 de agosto de 1939, filho de Jayme Martins de Freitas e Alice Soares de Freitas. (1971)
- 19 - Celso Gilberto de Oliveira, brasileiro, solteiro, nascido em 26 de dezembro de 1945, filho de João Adelfino de Oliveira e Julieta Pedrosa de Oliveira. (1970)
- 20 - Círon Cunha Brun, brasileiro, solteiro, nascido em 3 de fevereiro de 1946 em São Sepé-RS, filho de Lino Brun e Eloá Cunha Brun. (1970)
- 21 - Cim Flavio Salazar Oliveira, brasileiro, solteiro, nascido em 26 de setembro de 1943 em Araguari-MG, filho de Arádio Oliveira e Maria de Lourdes Oliveira. (1972)
- 22 - Custódio Saralva Neto, brasileiro, nascido em 3 de abril de 1952 no Ceará, filho de Dário Saralva Leão e Nilza Quaresma Saralva Leão. (1974)
- 23 - Daniel José Carvalho, brasileiro. (1974)
- 24 - Daniel Ribeiro Callado, brasileiro, nascido em 16 de outubro de 1940 em São Gonçalo-RJ, filho de Consuelo Ribeiro Callado e América Ribeiro Callado. (1974)
- 25 - David Capistrano da Costa, brasileiro, casado, nascido em 16 de novembro de 1913 em Boa Viagem-CE, filho de José Capistrano da Costa e Cristiana Cirila de Araújo. (1974)
- 26 - Denis Casemiro, brasileiro, solteiro, nascido em 9 de dezembro de 1942 em Vokupusanga-SP, filho de Antonio Casemiro e Maria Casemiro. (1971)
- 27 - Demeval da Silva Pereira, brasileiro, solteiro, nascido em 16 de fevereiro de 1945 em Salvador-BA, filho de Carlos Gentil Pereira e Francisca das Chagas Pereira. (1974)



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
Imprensa Nacional - IN

SIG - Quadra 6, Lote 800 CEP: 70604-900, Brasília, DF
Telefone: PABX (061) 313-9400 Fax: (061) 313-9540
Telex: 61-1356 CGC/MP 0019494/0016-12

JAMIL FRANCISCO DOS SANTOS
Diretor-Geral

JOSÉ GERALDO GUERRA
Coordenador de Produção Industrial

DIÁRIO OFICIAL - Seção I

Órgão destinado à publicação de atos normativos

CATARINA ACIOLI DE FIGUEIREDO
Chefe da Divisão de Jornais Oficiais

HELÍCIO VIEIRA CORDEIRO
Editor

Publicações - Os originais devem ser entregues na Seção de Seleção e Registro de Matérias, no horário das 7h30 às 16 horas. Qualquer reclamação deve ser encaminhada, por escrito, à Divisão de Jornais Oficiais, no prazo de cinco dias úteis após a publicação.

Assinaturas - Valem a partir de sua efetivação e não incluem os suplementos, que podem ser adquiridos separadamente.

(Valores em R\$)

IMPIRENSA NACIONAL	Preço página: 0,0053					
	Diário Oficial			Diário da Justiça		
	Seção 1	Seção 2	Seção 3	Seção 1	Seção 2	Seção 3
Assinatura semestral	67,12	21,12	63,36	79,20	159,72	64,68
Quantidade média de páginas (últimos 12 meses)	96	30	90	114	228	92
ECT						
Porte (superfície)	56,78	29,04	51,48	56,78	104,28	51,48
Porte (aéreo)	149,16	73,92	149,16	149,16	271,92	149,16
Preço do centímetro para publicação de matérias	8,40					

Informações: Seção de Assinaturas e Vendas - SEAVENDICOM
Telefone: (061) 313-9900 (busca automática)
Horário: das 7h30 às 19 horas